

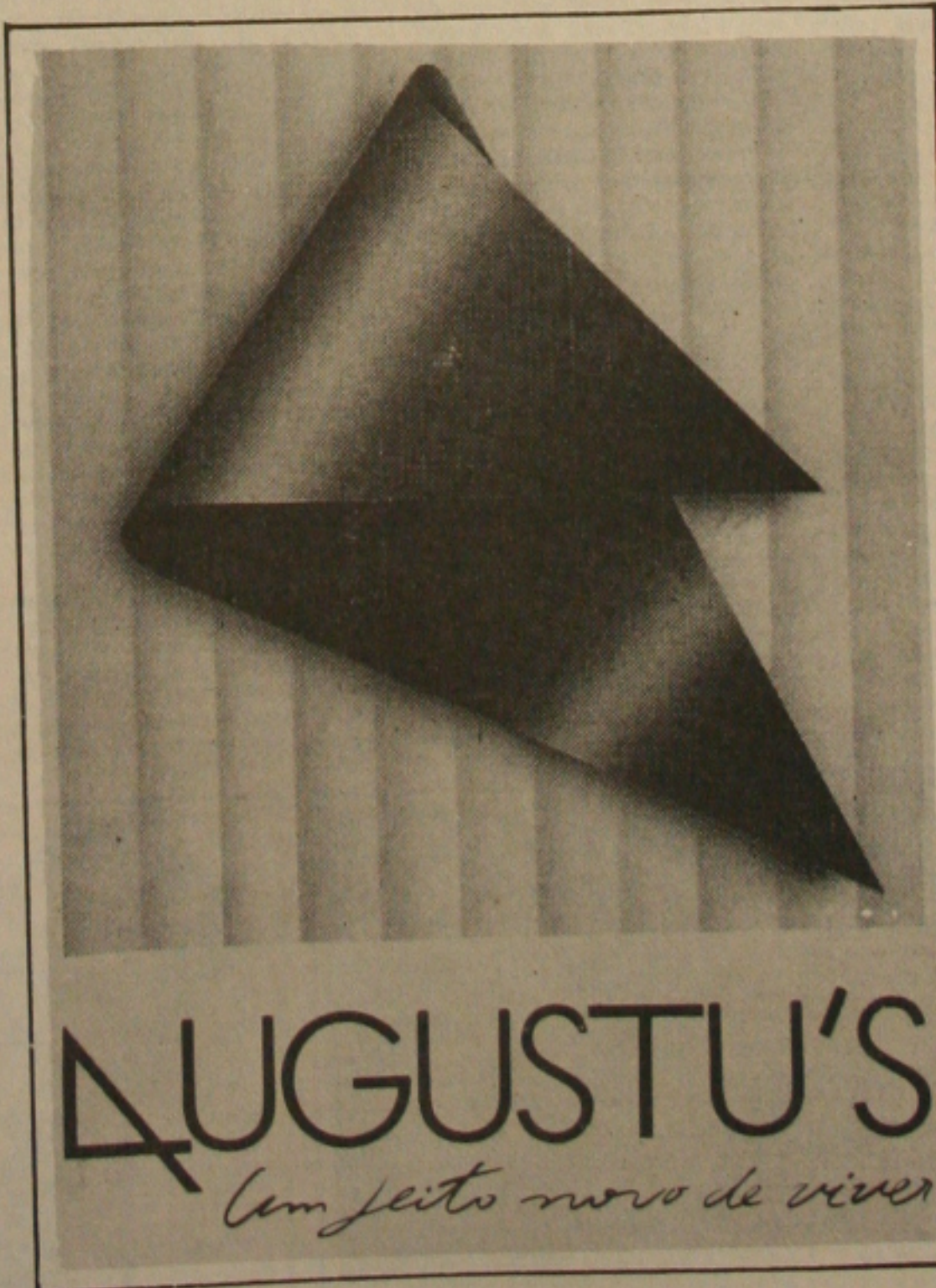
APLAUDIMOS COM  
ENTUSIASMO QUEM  
SEMPRE FOI SUCESSO

GAZETA DE SERGIPE - 35 ANOS

AUGUSTU'S



sucesso é algo extramamente marcante na vida de qualquer empresa ou empreendimento. Nós que fazemos, há pouco tempo, o sucesso da casa de espetáculos AUGUSTU'S não poderíamos deixar de homenagear a quem sempre fez sucesso há 35 anos. A GAZETA DE SERGIPE está de parabéns por essa data significativa. Através dos tempos, A GAZETA escreveu em suas páginas a verdadeira história de Sergipe, tornando-se o orgulho de todos os sergipanos. Afinal contas, 35 anos não são 35 dias, mas três décadas e meia de muito trabalho, dedicação e, sobretudo, demonstração de amor à terra e à gente sergipana. Que todo o sucesso do mundo continue a marcar a história da GAZETA DE SERGIPE. Esse é o desejo sincero dos que fazem o AUGUSTU'S. Parabéns GAZETA DE SERGIPE!





Continuação da página 1

que dominava a produção sergipana. O domínio das áreas mais férteis pela monocultura da cana-de-açúcar e a extensão progressiva das pastagens cultivadas, aliadas aos baixos salários, formavam esse status social de miséria e de miseráveis que perambulavam pela cidade.

Contrastando com a invasão dos mendigos, surgiram os edifícios e bangalôs, as ruas calçadas, os cinemas de luxo, as grandes estradas e as praças que acomodavam pessoas "de bem", com maiôs de nylon e calções de banho. Do outro lado da linha, uma verdadeira e legítima fome famintosa e necessitada já viviam à margem de tudo, sob o olhar complacente do governador Leandro Maciel, que durante sua campanha pregou idéias que acabou não cumprindo, depois de eleito.

O que a Gazeta tentava mostrar era um crescimento populacional acelerado, enquanto o desenvolvimento econômico de Sergipe se processava a passos de cágado. As lavouras de subsistência tolhidas pelo primitivismo das técnicas, a ausência de um sistema de armazenagem para a produção e outros fatores do gênero contribuíam para o aviltamento dos preços. Os créditos eram insignificantes e parte da produção sergipana era bancada por agiotas.

No editorial A Mendicância em Sergipe, o jornalista Orlando Dantas definiu bem a questão: "Socialmente é a presença do servilismo como uma constante do nosso caráter, da formação cultural de um povo mestiçado sempre pronto a estender o pescoço aos poderosos e sentir a volúpia e o prazer ao ouvir o som do metal que sufoca as aspirações carteristas da grande maioria".

"O domínio dessa mentalidade exploradora, cruelmente oportunista, responde pelas mazelas sociais materializadas no enriquecimento ilícito, na falta de caráter, na ausência de compostura, na fraqueza dos princípios e no repúdio aos ideais de construção em bases de justiça social, de economia distribuída e família organizada", escreveu Orlando Dantas.

O balanço das finanças públicas também foi alvo de críticas profundas e coerentes da Gazeta Socialista. Em 1957, numa matéria de meia página, o jornal acusava o governador Leandro Maciel de impregnar a opinião pública, com suas poucas realizações, exagerando e distorcendo fatos de sua administração, que, se fossem devidamente publicados a Estatística mostraria o oposto.

Um exemplo disso consistia na dívida acumulada pelo governo do Estado para com a Chesf, à qual devia uma soma enorme, há mais de um ano, enquanto a administração da empresa fazia o possível para que o governo de Leandro Maciel pagasse o débito. A questão é que os recursos destinados ao pagamento de débitos em geral, estavam sendo aplicados em obras de fachada para impressionar visitantes, ao lado de publicidades desnecessárias, que consumiam ainda mais esses recursos.

Na verdade, segundo ficou documentado pela Gazeta Socialista, o governo do Sr. Leandro Maciel foi estéril quanto à aplicação de medidas efetivas no plano social, débil na condução dos interesses reais do Estado e bastante profícuo em desperdícios.

No plano externo, Orlando Dantas via com simpatia o enfraquecimento do ditador cubano, Fulgêncio Batista, e a intensidade com que o exército rebelde, sob o comando de Fidel Castro, tentava varrer de Cuba a presença norte-americana, representada pelo ditador Batista. Até então, Cuba era apenas um centro de lazer e exploração dos americanos, com uma produção de tabaco satisfatória mas com sua economia girando em torno da monocultura da cana-de-açúcar.

Bem mais perto, no município de São Cristóvão, o Dr. Lourival Batista, chefe Udenista, segundo o exemplo do governador Leandro Maciel, invadia o Largo da Favela para fazer serviços de terraplanagem, à revelia da Prefeitura, numa tentativa de desmoralizar a administração de Deoclécio Vieira da Silva. Embargaram os serviços pela Prefeitura, a polícia do Dr. Lourival Batista garantia a continuação irregular das obras, numa demonstração total de autoritarismo.

Enquanto no Rio de Janeiro a Miss Brasil de 1957, Teresinha Morando, era recepcionada pelos cârrios, com cortejo triunfal em carros de flores e o País inteiro esquecia que tinha problemas, a Gazeta noticiava que, ao contrário do que as empresas norte-americanas, entre elas a Standard, haviam previsto e dito, a Petrobrás caminhava cada vez mais firme, com uma produção estimada para o período de mais de 10 milhões de barris. O petróleo, finalmente, começava a ser nosso.

1958 foi um ano de mudanças. A Gazeta Socialista passou a ser Gazeta de Sergipe. Mudou de nome mas manteve toda uma tradição de luta. Considerou o ano como fértil em acontecimentos impor-



Palácio Fausto Cardoso: antiga sede do Poder Legislativo sergipano



Fidel Castro: um político de várias épocas

tantes para a vida do País e do Estado. Foi inclusive o ano das eleições pelas quais se mudaram os administradores. Assim, não deixou de denunciar que foi também um ano cheio de medidas mancas, não completadas.

A situação nacional era grave mas não aflitiva e, segundo Orlando Dantas, havia chegado a esse ponto por incuria e incapacidade. Para o jornalista e pensador, seria necessário que os políticos que subiam ao poder cortassem menos o povo como massa eleitoral, no seu sentido científico.

Em 31 de janeiro de 1959 terminariam os mandatos dos que foram eleitos para a Assembléia Legislativa em 1954. Segundo a Gazeta documentou, durante os quatro anos que passariam ocupando as cadeiras da Assembléia, que funcionava no Palácio Fausto Cardoso, os representantes do povo sergipano não tiveram uma atuação voltada para os interesses do Estado. Quem integrava o bloco governista, comandado pelo governador Leandro Maciel, desfrutava de privilégios, enquanto a oposição, através de vários meios, inclusive através da Gazeta de Sergipe, denunciava os desvarios.

Em consequência, apenas metade dos deputados sergipanos teve o seu mandato renovado nas eleições seguintes, seguida de um perfil dos eleitos. O deputado Pereira Filho, da UDN, era tido como o mais rico entre os seus futuros colegas, pois era o único que havia nascido em "berço de ouro" e nunca precisou trabalhar. Como se vê, o povo sergipano não estava bem representado. O deputado só aparecia na Assembléia para atender solicitações do governador, quando era necessário votar assuntos do seu interesse.

No plano político, Sergipe apresentava deficiências, uma vez representado por pessoas de caráter discutível e que na opinião do jornalista Orlando Dantas representava apenas seus próprios interesses, deixando o povo que os elegeu entregue à própria sorte.

Caos financeiro, dívidas ao funcionalismo, Chesf, Caixa Econômica Federal, Sane, Sesp, Defesa Animal e outros foi o saldo deixado pelo governador Leandro Maciel, no final de seu mandato em 5 de janeiro de 1959. Com a posse do governador Luiz Garcia-UDN, Sergipe teve uma nova oportunidade de desenvolvimento, já que, segundo documentou fartamente a Gazeta, o governo de Leandro Maciel havia existido em função dele mesmo e de um pequeno grupo de privilegiados.

Luiz Garcia passou o último dia do seu mandato tentando acertar as contas e os débitos acumulados durante sua gestão, numa tentativa patética de passar ao novo governador uma imagem satisfatória da situação existente que, como já foi dito, era a pior possível.

Urr dos fatos mais significativos para o povo sergipano em 1959 foi o estrangulamento do sistema de ensino. A situação era muito grave e o Colégio Estadual de Sergipe-Atheneu, vivia um clima de pré-falência. Algumas escolas aumentaram em 100 por cento as suas anuidades, enquanto Aracaju contava apenas

com dois colégios mantidos pelo poder público para o ensino de nível médio: O Colégio Estadual de Sergipe, antigo Atheneu Sergipense e o Instituto de Educação Rui Barbosa. Os governos se descuidavam de criar novas escolas e o aracajuano pobre tinha que se sujeitar aos exorbitantes preços nos colégios particulares.

A questão do ensino público passou a ser tema constante na Gazeta de Sergipe. Orlando Dantas sempre lutou em nome de uma cultura superior para todos e não podia assistir passivamente a ignorância e o analfabetismo se instalarem em todo o Estado, como, segundo ele, "uma praga vergonhosa que atinge as crianças de nossa terra, traçando para elas um futuro sombrio e humilhante". E mais uma vez voltava a acusar o que chamou de "falanges da mediocridade" ao investirem na continuidade da ignorância do povo, como forma de manipulá-lo mais facilmente e destruir a única coisa que havia sobrado dele - sua dignidade.

A década de 60 trouxe consigo muita mudança no cenário político mundial, nacional e local. Ao lado dessas mudanças, alguns problemas antigos não solucionados e até vistos com um certo desprezo, como a seca no Nordeste, por exemplo. Parecia que o nordestino estava mesmo fadado a viver na pobreza e no abandono. Só que, desta vez, o problema de abastecimento de água atingia também a Capital, o que gerou uma manchete da Gazeta de Sergipe em uma edição avulsa de 03 de janeiro de 1960. Aracaju no Polígono das Secas era a manchete.

No cenário político muita coisa estava acontecendo. No Brasil o Marechal Lott, acompanhava com o maior interesse o desenrolar das investigações realizadas pelo General Taurino Resende, como presidente do Inquérito Policial Militar instaurado pelo Exército para apurar a responsabilidade dos oficiais participantes do motim de Aragarças e suas possíveis ligações com as garnições do Norte e do Nordeste do País.

Enquanto isso o candidato João Goulart, durante uma entrevista, confirmava seu propósito de não concorrer ao pleito eleitoral como companheiro de chapa do Marechal Teixeira Lott, embora não conseguisse esconder seu interesse na candidatura do Marechal. Jango afirmava que foi o Partido Trabalhista Brasileiro - PTB, quem primeiro adotou a candidatura do Ministro da Guerra, num comício realizado em praça pública e que seu compromisso aí estava demonstrado.

No Rio de Janeiro falecia, em 27 de janeiro de 1960, Osvaldo Aranha. A morte do ex-chanceler foi uma surpresa porque, apesar da idade ele não se encontrava doente. Osvaldo Aranha tinha exercido inúmeros cargos importantes no Brasil, inclusive o Ministério da Fazenda. Osvaldo Aranha morreu de colapso cardíaco às 21 horas e 55 minutos - noticiou a Gazeta de Sergipe.

Na edição de 02 de fevereiro de 1960 a Gazeta de Sergipe anunciou um balanço das metas de governo de Juscelino Kubitschek, baseado em três pontos específicos: A situação política interna do País, o seu programa de metas destacando

o que o Brasil havia conseguido sob o seu governo, principalmente no setor econômico e sua 3ª meta de caráter político, que eram as eleições presidenciais de 1960. Juscelino tinha planos para eleger o seu sucessor, a quem pretendia passar o governo concluindo normalmente o seu mandato presidencial.

Em 31 de dezembro de 1960 foi criada a Empresa de Distribuição de Energia em Sergipe-Energipe, que além de substituir o antigo Serviço de Luz e Força, que atuava exclusivamente na Capital, passou a incorporar, gradativamente, todos os municípios sergipanos, dotando-os de um sistema de distribuição de energia elétrica diferente do anterior, que era gerido individualmente por concessionárias e pelas próprias prefeituras.

No mesmo ano o governo Juraci Magalhães comunicava aos amigos que o seu encontro com Carlos Lacerda fora cordial mas não contribuir em nada para modifica- a posição que assumiu, desde a convenção do seu partido. O governador da Bahia continuava a afirmar que, aceitando o resultado da convenção, não se sentia, porém, obrigado a entusiasmar-se com a campanha de Jânio Quadros à Presidência da República.

Ao lado disso havia um lobby sistemático contra a transferência da capital para Brasília. Era formado por setores contrários às mudanças. Os recalcanteros queixavam-se porque em Brasília não havia colchões de mola do último tipo, nem venezianas americanas de alumínio. Em Brasília ainda não existiam salões de beleza, boates, e outros pré-requisitos exigidos por aqueles que seriam seus habitantes. Havia apenas a situação de milhares de nordestinos, famintos e abandonados, desalojados e errantes, dizimados pela doença.

A campanha presidencial começava a tomar forma, e a esposa do Marechal Lott, D. Edna Lott, fez uma visita de dois dias a Sergipe para sondar as possibilidades do Marechal no Estado. Foram feitos comícios preparatórios em diversos bairros aracajuanos, e diversas visitas ao interior sergipano. A esposa e cabo eleitoral do Marechal Lott retornou com uma impressão favorável quanto ao eleitorado sergipano.

No plano cultural, o Romantismo revolucionário do poeta José Sampaio ganhava espaços em todos os jornais, principalmente na Gazeta de Sergipe, que publicava seus poemas em primeira mão.

1961 tornou-se um ano polêmico, com a construção da rodovia Acre-Brasília, que passava pelo território dos índios Pacaás-Novos, acusados fartamente de serem canibais e de comerem pedaços de operários misturados ao mel. A outra versão dizia que, com a construção da rodovia Acre-Brasília, as tribos Cintas-Largas e Pacaás-Novos seriam completamente dizimadas pelas presenças do homem branco. Calculava-se cerca de 25 mil índios, percententes às duas tribos.

Em Aracaju a Prefeitura começou a cobrar tributos sobre os derivados de petróleo. O imposto era calculado sobre o movimento das companhias distribuidoras de derivados de petróleo na Capital. A

agência da Esso em Aracaju foi a primeira a recolher o imposto, após a notificação do fisco. Passava-se então para uma nova fase econômica, marcada principalmente pela produção de petróleo no recôncavo baiano, que no início de 1961 foi de 100.542 barris diários, contrariando toda as projeções que apontavam uma produção menor.

"O Estrela do Norte ficou na Estação de Aracaju" - era a greve dos ferroviários. Havia parado suas atividades por melhores salários. Os ferroviários da Leste Brasileira queriam também receber as vantagens da Classificação de Carregos e da Lei de Paridade. Os ferroviários já haviam desencadeado outras greves, mas dessa vez rejeitaram qualquer acordo com a direção da Rede Ferroviária Nacional, que não efetuava o pagamento de todas as vantagens dos operários desde julho de 1960.

Em 1º de fevereiro de 1961 o Brasil já tinha novo presidente. Jânio Quadros havia vencido as eleições, derrotando o Marechal Lott numa campanha dita milionária, na qual não faltaram acusações de parte a parte. O presidente eleito Jânio Quadros, que tinha como vice João Goulart, recebeu perante o Congresso a chefia da Nação das mãos do ex-presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Após entregar o governo, Juscelino embarcou num avião da Air France com destino à Europa. Logo depois de assumir a Presidência, Jânio Quadros teve uma conferência com o novo Ministro da Fazenda, Clemente Mariani e com o presidente do Banco do Brasil, para traçar os novos rumos da política financeira.

Em abril de 1962 os funcionários públicos estaduais procuraram a Gazeta de Sergipe para interceder a seu favor, no sentido de se dirigir uma apelo à Assembléia Legislativa para que aprovasse o projeto do deputado Antônio Machado-UDN, abolindo o expediente aos sábados nas repartições públicas do Estado. Acontece que o referido projeto desapareceu misteriosamente da pauta de votação e parecia, segundo a Gazeta, estar engavetado em alguma das comissões técnicas do Palácio Fausto Cardoso, sede do governo estadual.

Com a vinda a Aracaju do Diretor da Carteira Agrícola do Banco do Brasil, Samuel Duarte, os setores produtivos exultaram, porque essa visita representava mais incentivo para a agricultura em diversas regiões do Estado. Havia uma grande expectativa em torno da visita de Samuel Duarte, por parte de toda a classe produtora sergipana. Paradoxalmente, ao lado da notícia de sua visita em outro tema, desta vez degradante, era questionado pela Gazeta de Sergipe: a fome que se abatia sobre os sergipanos de baixa renda.

Quadrqs dantescos nas ruas da cidade, fritos de tanajuras no cardápio do povo - a fome era a doença de uma boa parte da população sergipana, inclusive da capital, onde era comum ver-se caído de inanição e cianic, as procurando alimentar em latas de lixo. Conta que o diretor da Gazeta de Sergipe, jornalista Orlando Dantas, ao ver o quadro de miséria que se abatia sobre

o povo sergipano completo estado algum tempo.

Também uma denúncia de pe, feita na época foi instaurado para investigar o Renda sobre as rendas, com uma comissão instalada realmente estabelecidas reguladoras. A Gazeta de Sergipe papel de sermão públicos.

Foi assim que fez o primeiro alistamento eleitoral mil novos eleitores em Aracaju. O número de eleitores 54.497 durante Segunda Zona Eleitoral foi registrado e a Gazeta de Sergipe em primeira mão das em Itabaiana, Comarca de Itaba Coqueiros.

Conviu quanto tudo zela de Sergipe na questão de região pobre sergipano governo Leandro ministrando de permanência na abandonando o plano destino.

No atroz Pessimistas, e Dantas criticou alguns setores da Sudeste Duarte, com o qual perspectiva não nos, com o qual gramas específicos até então empreg. Foi graças a Dantas e a opção de Sudeste de capacidade prod destino.

Nesse momento para que o projeto em solo esperanças de lançamento Sigma VII, nauata Walter St foi feito de Castro também zessele passu e nove da Europa a União Soviética internacional.

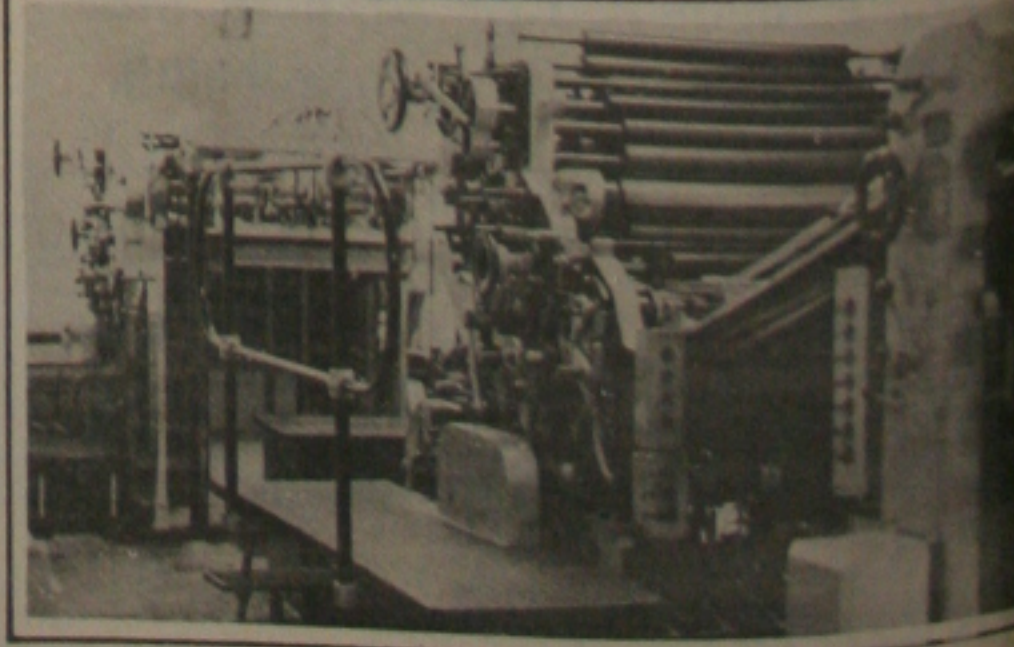
"Vou governar políticas que não são governar. Assim se esgotador de Sergipe dezembro de 1960 paulista de Estado de Sergipe via sido construído em outubro Fiscal do Município de São Seixas Dona grande número



Juscelino: um dos maiores exemplos de estadistas



Luiz Garcia: o governador de várias mudanças



Maquinas que marcaram uma fase da Gazeta de Sergipe



...a de Sergipe  
...EMENTO ESPECIAL

# Gazeta de Sergipe registra o momento de inquietação no país com a renúncia de Jânio Quadros



Godofredo Diniz: um prefeito que marcou época



Jango: um presidente vítima dos poderosos



Petróleo: uma das riquezas sergipanas



O saudoso presidente Tancredo

...o país estava  
...a renúncia de Jânio  
...o seu vice, João  
...maneira afínades  
...e isso causava  
...insatisfação, quase  
...no âmbito militar.  
...começava a ficar  
...de Carlos  
...de Barros  
...do presidente João  
...uma linha de  
...da convencional,  
...os três ministros  
...passassem uma nota  
...do Bra-  
...clara sua in-  
...na política brasilei-

Alguns deputados sergipanos, como Santos Mendonça e Antônio Torres Júnior, por exemplo, se posicionaram contra o presidente João Goulart e elogiaram a "atitude de vigilância" dos governadores de São Paulo e da Guanabara em torno das intenções do presidente. O presidente, por simpatizar com os sindicatos e com a classe trabalhadora, foi chamado de agitador de greves e desordeiros. Os relenhos deputados disseram mais: se vier a surgir um golpe de estado, o presidente Goulart deverá ser o primeiro a ser golpeado.

Havia, portanto, um clima completamente favorável à delagação de um golpe de estado e a implantação de um regime militar, cuja duração ninguém se atrevia a prever.

Em Sergipe, dias depois a Petrobrás anunciava que o poço pioneiro em Carmópolis foi a mais promissora experiência pioneira até então realizada no Brasil; eram dez mil barris de petróleo produzidos diariamente. O técnico da Petrobrás, Moisés Bentes, disse que o poço surpreendeu porque a Petrobrás desconhecia a existência de petróleo naquele tipo de solo.

A partir do poço pioneiro, técnicos da Petrobrás iniciaram novas prospecções no município de Carmópolis, detectando a existência de um potencial que conduziria Sergipe ao Status de grande produtor de petróleo. Nesse momento, uma caravana, tendo à frente o governador em exercício, Celso Carvalho, visitou as frentes de trabalho da Petrobrás em Carmópolis. Não só a classe empresarial, mas toda a população sergipana ficaram entusiasmados com as revelações dos técnicos da Petrobrás sobre a realidade do petróleo sergipano.

O interior do Estado, que vinha sofrendo uma seca implacável recebeu, finalmente, chuva suficiente para salvar sua agricultura e evitar o racionamento de gêneros alimentícios, a exemplo do feijão, que um ano antes estava sendo importado de outros Estados brasileiros. Por outro lado, as chuvas sempre chegaram ao sertão sergipano acompanhadas do lado trágico. Na chamada Zona da Seca, causou enormes prejuízos, derrubando casas e destruindo açudes e fontes.

Em 31 de outubro de 1963 foi sancionada a Lei 32/63, que instituiu o Código Tributário do Município de Aracaju, destinado a instituir os tributos de competência do Município de Aracaju, dispondo sobre seu lançamento, cobrança e fiscalização, além de regular o processo fiscal administrativo. A Gazeta de Sergipe publicou na íntegra o novo Código Tributário, destinando seis páginas à sua divulgação.

Uma outra boa notícia vinha a seguir: A Sudene, até então considerada inoportuna, anunciava a ampliação das opções educacionais para os nordestinos.

1964 foi um ano decisivo para a política brasileira. Definitivamente o presidente João Goulart não representava o ideal de perfeição dos militares, ansiosos há algum tempo pelo domínio da política do país. Em 31 de março de 1964 os militares,

através de um golpe, assumiram o poder no país, estabelecendo normas e costumes até então inéditos.

Em Aracaju a expectativa com relação à situação nacional era enorme. Nas praças, intelectuais, estudantes e a população em geral recebiam notícias vindas do Sul do país pela Rede Nacional da Legalidade ou por outras coligadas à capital sergipana.

O governador em exercício, Celso de Carvalho, decretou feriado escolar e comerciais, bancários e industriários rumaram para a Praça Fausto Cardoso em busca de notícias recentes. Em passeata, os trabalhadores partiram para o Bairro Industrial, solicitando aos comerciantes que fechassem suas casas comerciais. O movimento na Praça Fausto Cardoso aumentava cada vez mais, ao ponto de o Exército se fazer presente para evitar tumultos.

Ao chegar do Rio de Janeiro, o governador sergipano Seixas Dória tomou conhecimento dos acontecimentos locais, sem contudo demonstrar surpresas. Afinal, três governadores desencadearam um movimento golpista contra nossas instituições e um deles, Magalhães Pinto, era seu amigo pessoal. O líder sergipano havia ligado seu destino político, desde a época de deputado federal, à corrente popular e nacionalista e não sofreria nenhum constrangimento em ficar ao lado de João Goulart, em defesa da legalidade democrática, numa luta com pelas reformas de base.

Uma junta militar seria formada para governar o país, até que fosse escolhido o novo presidente, entre os militares, e o General Humberto Castelo Branco já aparecia como sendo o mais cotado, embora Ademair de Barros, um dos articuladores do golpe, viesse propondo o nome do senador Auro de Moura Andrade. A escolha do General Amaury Kruehl também começava a ser articulada por setores ligados à situação anterior.

Nesse momento o jornalista Orlando Dantas, que ocupava o cargo de presidente do Banco de Fomento Econômico do Estado de Sergipe, pediu demissão. No seu lugar foi empossado o superintendente Adalberto Moura, funcionário do Banco do Brasil, posto à disposição do Fomento.

A renúncia de Orlando Dantas deu-se por conta dos acontecimentos políticos, cujos princípios abominou antes mesmo que viessem a existir. Mantendo as melhores relações pessoais com Celso de Carvalho e com todos os membros do Conselho Administrativo, o jornalista decidiu que havia chegado o momento de voltar às suas atividades privadas, sem participar diretamente do quadro político.

No dia 10 de abril de 1964, em sessão realizada no Congresso Nacional e através de eleições indiretas foi eleito o presidente do Brasil o General Humberto Castelo Branco, como já havia sido previsto. O General tinha o apoio integral de todas as bancadas no Congresso Nacional e de todos os governadores de Estados.

Retornava do Sul o governador do Estado de Sergipe, Celso de Carvalho, que, na Guanabara parti-

cipou de uma reunião de governadores, mas antes de se dirigir ao Rio de Janeiro participou, a convite do governador de Pernambuco, de uma reunião de governadores do Norte e Nordeste, na qual ficou decidido que os chefes executivos dessas regiões dariam apoio integral à candidatura do General Castelo Branco.

Encerramos o ano de 1964 sob a pressão dos acontecimentos políticos que restringiram liberdades, sobrecarregaram de ônus fiscais e economia popular, reduziram o poder aquisitivo da população, deixando desalentadas todas as classes sociais pelos imprevistos das soluções impostas. Sob as duras restrições do Fundo Monetário Internacional, o Brasil mergulhou fundo no processo inflacionário.

Sobre isso, escreveu Orlando Dantas: A filosofia do desenvolvimento econômico preparava os quadros ideológicos das lutas emancipadoras, penetrava os setores industriais, dava-lhe conteúdo e substância, para a liquidação do colonialismo e garantia de todas as franquias democráticas.

Num artigo publicado em janeiro de 65, a Gazeta de Sergipe declarava que o Estado ainda não conseguia elevar o padrão de vida da população, porque a base de sua economia era a agricultura trabalhada de maneira inadequada, com o comércio se sobrepondo à indústria, e esses aspectos significavam atraso. A afirmação foi embasada numa pesquisa realizada pelo economista Paulo de Assis Ribeiro para a confecção dos projetos do governo sergipano, e que foram enviados à Agência para o Desenvolvimento Internacional para Financiamento.

De acordo com o relatório da pesquisa, uma das prioridades para a solução dos problemas básicos de Sergipe era a assistência técnica financeira à sua pequena indústria. Sergipe contava então com uma indústria incipiente. O parque industrial sergipano somava em 1960 (data do último recenseamento), 1882 estabelecimentos industriais. Desse número, 76,6% eram fábricas que tinham menos de cinco operários. A maquinaria existente nessas indústrias sequer eram utilizadas, por falta de uma mão-de-obra especializada e de um mercado garantido para a produção.

Outro aspecto digno de registro é que 46% dessas pequenas indústrias estavam localizadas na zona rural do Estado. O parque industrial sergipano empregava 15 mil pessoas. O valor da produção anual somava 2 bilhões e 900 milhões de cruzeiros. Exceluando-se os núcleos produtores de tecidos, côco e açúcar, a indústria sergipana tinha um caráter artesanal e, apesar da pouca produtividade, garantia a subsistência de um grupo considerável da população do Estado.

Enquanto se preocupava com a economia nacional e sergipana, a Gazeta de Sergipe mantinha também sua atenção voltada para assuntos de outra ordem que, em determinados níveis, tinham uma certa ligação com os acontecimentos locais. Um exemplo dessa preocupação da Gazeta foi a campanha detida por ela por modificações no sistema carcerário sergipano, a par-

...a ampliação do Reformatório Penal do Estado.

Posteriormente a Gazeta de Sergipe visitou o Reformatório e concluiu que as constantes críticas não haviam sido feitas em vão. A Gazeta constatou diversas melhorias das instalações do Reformatório, dos serviços e da disciplina, embora a falta de recursos tenha sido sempre uma constante. "Nota-se que a falta de recursos maiores impede a realização de outros planos, como a criação de oficinas, refeitórios, celas adequadas, grêmio, pavilhão de tuberculosos e outros que, se hoje existem, são fruto das críticas feitas constantemente pela Gazeta de Sergipe.

1966 trouxe para os brasileiros um custo de vida mais elevado. Apesar disso, o Parque Teófilo Dantas esteve repleto de arcajuaanos que foram assistir a missa de Ano Novo. Nas bancas, nos bares e ao ar livre houve comemoração e nos reveillons dos clubes verdadeiro carnaval. Eram as esperanças do povo sergipano por momentos melhores, suas aspirações e sentimentos mais íntimos postos para fora.

Em 30 de setembro o presidente Castelo Branco decretava feriado nacional para o dia 03 de outubro, quando seria eleito o novo presidente da República. Havia a dúvida de que a eleição do Marechal Costa e Silva seria indireta, o que não justificaria o feriado, porque de acordo com o texto constitucional só seria feriado o dia da "eleição" do presidente da República. A dúvida foi resolvida pelo presidente Castelo Branco através de um decreto.

No plano externo, a guerra do Vietnã era vista com o primeiro passo para esmagar o avanço comunista. A dúvida era se o Vietnã significava a cabeça da serpente. O Sudeste Asiático representava apenas o início de uma fase acirrada de disputa de territórios e os Estados Unidos e a União Soviética. Venceram os russos.

Começava então a fase de cassação de mandatos, sob a liderança do presidente Castelo Branco. Em 12 de outubro o presidente assinou um decreto cassando os mandatos dos deputados federais Doullet de Andrade, César Priet, Sebastião Paes de Almeida, Humberto Ozáide, Abraão Fidelis de Moura e Adidi Chammas, que também tiveram suspensos os seus direitos políticos.

Na mesma época o Papa Paulo IV enviava uma mensagem aos bispos latino-americanos, manifestando o seu desejo de que eles se dedicassem com zelo ao problema do desenvolvimento e integração da América Latina.

A nível estadual, a Companhia Agrícola de Sergipe iniciava suas atividades no setor da mecanização e serviços de abertura de tanques e construção de estradas. O governador Celso de Carvalho havia se empenhado no sucesso dessa empresa de economia mista, e por indicação de alguns agrônomos, escolheu o jovem industrial Hélio Dantas como diretor.

A Comase desabrochou para o Estado uma nova era, abrindo perspectiva análogas nos meios agrícolas, embora houvesse uma tendência a até um esforço sistemático para que ela atendesse apenas

os interesses palacianos. O crescimento da Comase foi progressivo, sem ostentação e sem provocar reações, exceto em alguns setores comerciais quando lançou produtos de exclusivo consumo dos lavradores a preços baixos.

Com o editorial "Coleta de Ferro", a Gazeta de Sergipe encerrou o ano de 1966 repudiando o projeto de Lei de Imprensa remetido ao Congresso Nacional. Se fosse aprovado, o projeto se converteria na prática do cerceamento da liberdade de expressão. "Denunciamos corajosamente todos esses fatos sem medo de ameaças e em defesa de nossa sociedade. A imprensa, considerada universalmente o IV poder, não pode ser calada, uma vez que os fatos que notícia são comprovados e, não publicados, quando constituem ofensas aos governantes.

O governo brasileiro da Revolução de 1964, impôs, nestes três anos, um comportamento econômico, financeiro e político diametralmente oposto ao existente no país antes da intervenção militar. Reajustando nossa economia aos postulados do Fundo Monetário Internacional, o poder aquisitivo do povo brasileiro foi permanentemente comprimido, a capacidade de produção reduzida pelas limitações creditícias". Esta foi a análise apresentada pela Gazeta de Sergipe dos três anos de regime militar, ao publicar sua primeira edição de 1967.

Na edição seguinte, a Gazeta publicou em primeira mão o Decreto nº 376/66, que aposentava por tempo de serviço os funcionários municipais. O prefeito Godofredo Diniz Gonçalves, nesse decreto, concedia aposentadoria a apenas algumas pessoas, mas já era o início de uma linha que seria adotada posteriormente e que beneficiaria a todos os funcionários municipais.

Em 1 de janeiro de 1967 os integrantes da Gazeta de Sergipe ofereceram ao jornalista Orlando Dantas e sua esposa, D. Dulce, um almoço realizado na Sorveteria Yara, com a presença do prefeito Godofredo Diniz, deputado federal Raimundo Diniz, o General José Graciliano Nascimento, secretários de governo e autoridades diversas, além de intelectuais.

Em nome do corpo redacional da Gazeta falou o jornalista Anivaldo Figueiredo, que traçou um perfil de Orlando Dantas e da importância histórica do jornal. "A Gazeta de Sergipe não é apenas um jornal; é uma época dentro do pensamento e da cultura de Sergipe", disse o orador. "Sergipe já exportou talentos mas hoje vive de migalhas do poder central, porque a terra não está produzindo, as indústrias pararam, a agricultura é de baixa produtividade, o comércio vive sujeito ao impulso e não existe em nosso Estado consciência empresarial capaz de dinamizá-lo", concluiu.

O jornalista Orlando Dantas agradeceu as palavras do orador e afirmou: "Como jornalista estou realizando uma obra perene aqui no Estado, porque é painódica, impossível e visa, sobretudo, a libertação do povo sergipano. Sou um homem combado e combativo, porque prego uma posição de progresso".

Apesar das dificuldades existentes, o Estado de Sergipe continuava crescendo e, junto com esse crescimento, trazendo novas necessidades, como empregos, incen-



Seixas Dória: governador cassado em 64



# Em 35 anos muita coisa mudou.



*O Governo do Estado modernizou a avenida Rio Branco.*

# A

# GAZETA DE SERGIPE

O JORNAL DE ORLANDO DANTAS

# evoluiu

*Parabéns Gazeta de Sergipe pelos seus 35 anos de existência voltados unicamente para o desenvolvimento do Estado de Sergipe.*

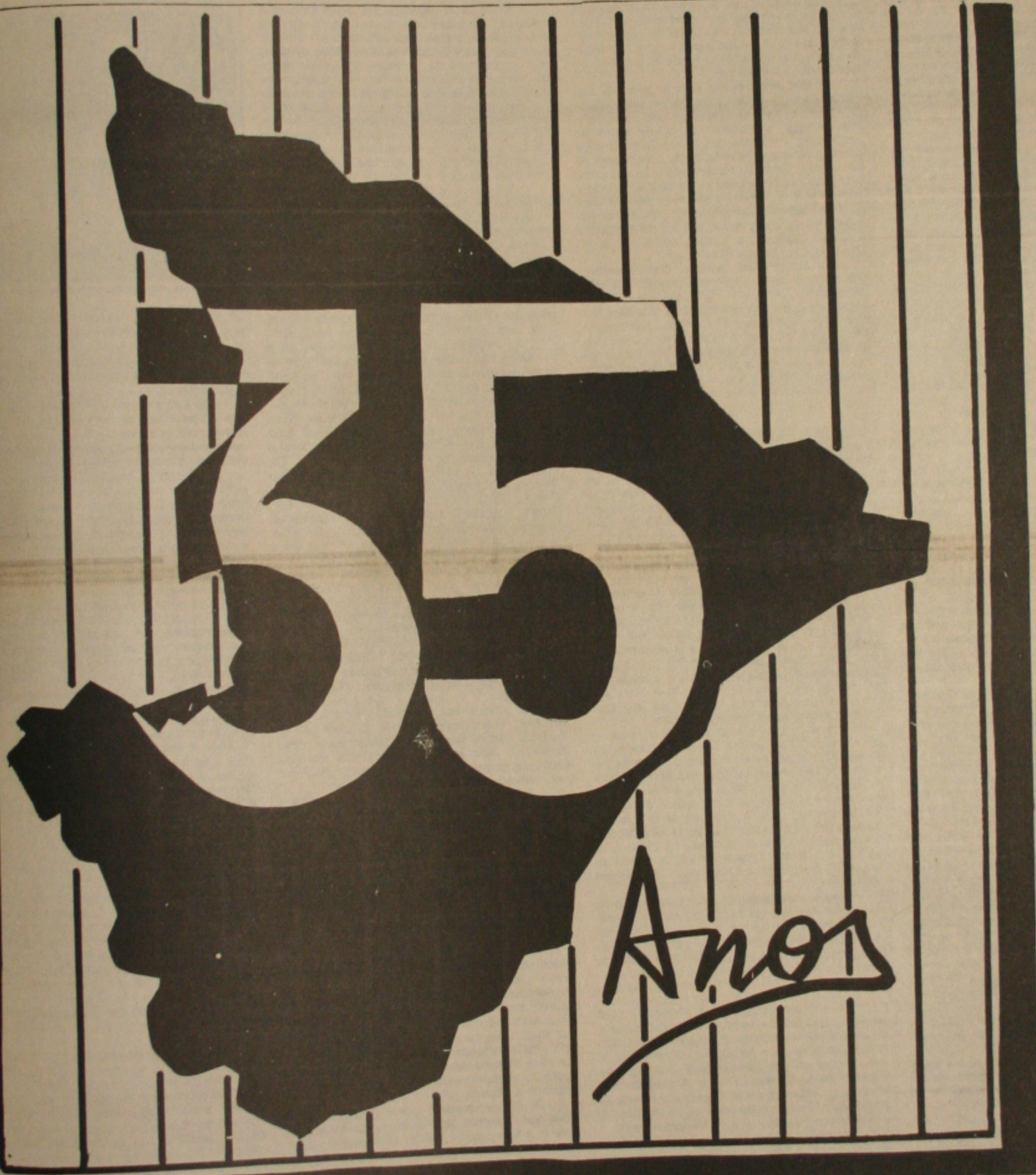
GOVERNO DO

# NOVO SERGIPE



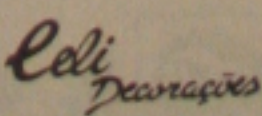
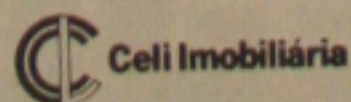
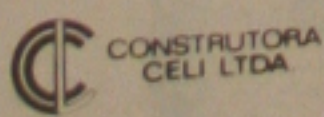
# PARABÉNS

## GAZETA DE SERGIPE



### CELI

Este Caminho É Um Bom Negócio.





# Energipe supera vários desafios da década de 90 com in

Quando a atual diretoria da Energipe tomou posse, em janeiro de 1989, a situação anterior e que passara a comprometer seriamente o objetivo principal da Empresa, ela se encontrava perante a população, fornecedores e investidores. Para uma Empresa imaginasse pareceria inviável porque passaria, necessariamente, pelo resgate de um técnico capacitado para enfrentar a real situação da Empresa e, principalmente, alguma coisa precisava ser feita, e logo. O primeiro passo foi o levantamento e criaram-se as condições para colocar em prática o Plano de Emergência tão necessário aos reclamos e consciente da importância do papel social da Energipe. Aos poucos, finalmente, dotar o Estado de um sistema elétrico que, se ainda não é

Assim eram incorporados os municípios à Energipe. Imediatamente, nesses casos, fazia-se uma avaliação completa da situação existente e, a partir dos resultados adotava-se medidas, de forma que, quase todos os municípios absorvidos nesse período tinham uma coisa em comum: possuíam um sistema de distribuição de energia elétrica deficiente e incompatível com o ritmo do seu crescimento, o que refletia negativamente na sua atividade econômica natural, além de inviabilizar outras atividades que por acaso não se enquadrassem nas possibilidades do quadro geral, em matéria de suprimento de energia elétrica.

Aos poucos a Energipe chamava a si e procurava solucionar pendências e deficiências operacionais acumuladas em função de um sistema de distribuição débil e insatisfatório nos municípios sergipanos. Começava a se formar um aglomerado de localidades com problemas comuns, que a Energipe solucionava dentro das suas possibilidades, mas que, por mais que fizesse sempre restaria alguma coisa a fazer, por conta exatamente da questão do crescimento dessas localidades, geograficamente, como centros produtores e também como cidades.

Na década de 70 houve um verdadeiro boom de concessões, absorvendo assim quase que totalmente os municípios sergipanos que ainda permaneciam de fora do sistema. Foi a vez de Canhotã, S. Miguel do Aleixo, Feira Nova, São Domingos, Ribeirão, N.S. da Glória, Poço Verde, Pedra Mole, Itabi, Pirambu, Monte Alegre de Sergipe, Cruz das Graças, Gararu, Salgado, Carmópolis, General Maynard, Japarutuba, Rosário do Catete, Siriri, Divina Pastora, Santa Rosa de Lima, Marum, Nossa Senhora de Lourdes, Aquidabã, Areia Branca, Brejo Grande, Pacatuba, Canindé do São Francisco, Cumbe, Itaporanga D'Ajuda, Japoatã, Laranjeiras, Macambira, Malhada dos Bois, Malhador, Moita Bonita, Muribeca, Nossa Senhora das Dores, Poço Redondo, Santo Amaro das Brotas, e outros. O Município de Capela, juntamente com mais 27 localidades que tiveram suas concessões autorizadas. Convém lembrar que, ainda na década de 70, vários municípios sofreram encampação, o que se repetiria em número menor na década de 80.

Por conta da integração promovida com a incorporação desses municípios à Energipe, ou melhor, ao novo sistema de distribuição de energia elétrica representado pela Energipe, essas localidades passaram a se organizar melhor em todos os sentidos: politicamente, geograficamente e, principalmente, economicamente, porque além de sua produção natural passavam a desenvolver outras atividades, algumas até experimentais, que por conta das condições existentes, principalmente no setor elétrico, se converteram em definitivas.

Dotados de um sistema de distribuição elétrica compatível, os municípios, pelo menos a maioria, conheceu o desenvolvimento, através de uma produção organizada e farta, nos diversos setores da economia. Os municípios se desenvolveram rapidamente e suas sedes se converteram nas mais belas cidades sergipanas, ativas economicamente, culturalmente e, sobretudo, donas do próprio destino, já que as opções passaram a ser muitas e as condições de realização extremamente satisfatórias.

Não por causa disso, mas também por isso, iniciou-se um processo de descoberta por parte de pessoas de outros Estados brasileiros. Viram que em Aracaju encontrariam o conforto da cidade grande, nas suas diversas formas, com o sossego de um passeio pelo bosque; nascia o turismo, hoje uma das suas principais indústrias. Definitivamente Sergipe estava entrando em sua era moderna, não só por seus atrativos naturais como também, de forma rigorosa, por sua estrutura de apoio a todo um processo de evolução.

Da luz veio o reflexo - presente em todos os momentos do processo de desenvolvimento do Estado, a Energipe, ou melhor, a Empresa Distribuidora de Energia em Sergipe S/A - Energipe, deu sua contribuição de forma decisiva, cumprindo o seu papel de coadjuvante do desenvolvimento, oferecendo à população o que sempre teve de melhor: bons serviços.

Até o início da década de 70, a questão energética, de um modo geral, conduzia à adoção de padrões de consumo de energia em favor dos combustíveis fósseis - carvão mineral, petróleo e gás natural. Devido ao aumento do consumo energético,



associado ao desenvolvimento das forças produtivas, aumentou drasticamente o uso dos combustíveis fósseis, a ponto de as previsões para as próximas décadas indicarem o esgotamento das reservas, desde que mantida a taxa atual de crescimento industrial.

Ao lado disso, há também a posição dos países exportadores de petróleo que deflagraram a cartelização dos preços, o que causou impactos traumatizantes nas economias capitalistas e, especialmente, nos países em desenvolvimento.

A economia brasileira, tendo como insumo energético básico o petróleo, e mascarada inicialmente por conta do chamado milagre econômico, adotou medidas no sentido de buscar novas opções para reduzir a dependência, enquanto acelerava os investimentos em pesquisas e prospecção. Nos últimos cinco anos a produção brasileira de petróleo vem aumentando consideravelmente, levando-se em conta as reservas do País e o seu crescimento.

Com esse incremento na produção de petróleo o País obteve um certo alívio em seu balanço de pagamento, havendo uma redução nas importações e consequente elevação no saldo da balança comercial. Entretanto, o aumento da produção nacional de petróleo apresentou um grave declínio na duração prevista das reservas, que passou de 20 para 10 anos. Levando-se em conta o caráter aleatório de novas descobertas de reservas de petróleo, as previsões para duração ou exaustão das mesmas, ou ainda a manipulação incorreta por parte do homem, além do fantasma de uma situação de dependência total das importações de petróleo, é que tornou-se inevitável e até inadiável a definição de uma política nacional para a industrialização e a pesquisa bem como a elaboração da Matriz Energética Nacional, obtida através dos balanços energéticos regionais.

A essa altura, já com todas as características de uma empresa bem estruturada, a Energipe passou para a fase de projetos mais complexos, porque com a evolução em todos os setores novos problemas foram surgindo, especialmente no sentido de conciliar as necessidades dos consumidores, principalmente os de baixa renda, com as possibilidades da Empresa. A população rural produzia insatisfatoriamente e vivia sem nenhum conforto, o que seria sanado mais tarde com a implementação do Projeto Luz no Campo, desenvolvido pela atual presidência da Energipe, na pessoa de Valter Barreto Góis.

Havia o potencial e a Energipe criou condições de explorá-lo, realizou programas assistenciais cujos resultados se refletiam nos diversos setores da economia e no consumo domiciliar. Isso determinou uma certa urgência na adoção de medidas que, ao contrário das duas primeiras décadas - 60/70 -, passaram a ser inadiáveis, para que o crescimento populacional e o consumo de energia elétrica se interligassem em níveis compatíveis.

A partir de 1981 o Governo do Estado de Sergipe, através da antiga Secretaria de Obras, Transportes e Energia (SOTEN), passou a abordar de forma mais concisa o problema energético do

A década de 80 foi bastante fértil, não só a nível de concepção de projetos, como também pelo fato de o novo sistema de distribuição já haver incorporado a maioria dos municípios sergipanos. A partir desse momento configurou-se um quadro ge-

absorver as atribuições do Serviço de Luz e Força de Aracaju, que atuava exclusivamente na Capital. Este foi o objetivo inicial da Empresa de Energia Elétrica em Sergipe - Energipe que, idealizada em 1959 através da Lei 943, de 03 de janeiro, consolidou-se em 31 de dezembro de 1960, com a posse do Conselho de Administração, Conselho Fiscal e Diretoria Geral.

Posteriormente a Empresa horizontalizou sua atuação, incorporando um verdadeiro leque de municípios sergipanos - Barra dos Coqueiros foi um dos primeiros -, até então dotados de sistemas de distribuição de energia, geridos individualmente por concessionárias e pelos próprios municípios, sem uma retaguarda técnica, o que fazia com que os esses sistemas, nunca suprissem as necessidades das contingências a que se destinavam. Incorporados ao novo sistema de distribuição representado pela Energipe, diversos municípios deram o passo inicial para um desenvolvimento efetivo, incorporando às suas atividades econômicas naturais outras linhas de produção, até então não tentadas e que acabaram fazendo parte, de forma definitiva, do perfil econômico e social dessas localidades.

Juntamente com o crescimento populacional vieram os problemas que passavam, a cada dia, a serem combatidos de forma eficiente, porque a essa altura a Energipe já dispunha de um sistema de atendimento e de abordagem dos problemas suficientemente arraigado, o que permitia um ordenamento não só das atividades econômicas, como também conduzia a população a níveis de subsistência satisfatórios para a época.

Nas décadas de 70 e 80 a maioria dos municípios sergipanos já havia sido incorporada ao novo sistema de distribuição de energia elétrica, e a Energipe finalmente pôde desenvolver uma política de atendimento a esses locais de forma unificada, fruto da integração promovida com a renovação de todo um sistema operacional, que foi, antes de qualquer coisa, fator de integração entre locais que até então vinham convivendo com o isolamento econômico e social.

A Energipe chega à década de 90, trinta anos depois, portanto, com a grata satisfação de ter contribuído de forma decisiva para o desenvolvimento do Estado, na medida em que criou todas as condições para que seus municípios, cuja maioria dispõe hoje de energia elétrica, produzissem mais e melhor, não só por suas tendências naturais, mas principalmente pela possibilidade de industrialização de diversos setores da economia, o que gerou riquezas e transformou completamente o pequeno Estado de Sergipe em um centro produtor nos mais diversos segmentos do mercado.

gerada no bojo da Lei 943, de 03 de janeiro de 1959, que autorizava o Poder Executivo do Estado de Sergipe a criar uma sociedade por ações de economia mista, foi constituída no ano seguinte, precisamente em 31 de dezembro de 1960, a Empresa de Energia Elétrica em Sergipe - Energipe, com o objeto inicial de receber energia elétrica das sub-estações abaixadoras da Companhia Hidroelétrica do São Francisco e distribuir em Aracaju, Barra dos Coqueiros e demais municípios que viessem a ser incorporados à área de concessão, substituindo assim o antigo Serviço de Luz e Força de Aracaju que atuava exclusivamente na Capital.

Embora o decreto de autorização do Governo Federal para a Energipe funcionar como empresa só tenha sido assinado em 06 de novembro de 1961, pelo então Presidente do Conselho de Ministros, Tancredo Neves, considera-se como data de fundação 31 de dezembro de 1960; quando a Energipe se instalou definitivamente, com a posse do Conselho de Administração, Conselho Fiscal e do Diretor Geral, na época o Eng.º Leandro Maynard Maciel, ex-governador do Estado de Sergipe.

A Energipe iniciou suas atividades com 85 servidores e uma estrutura administrativa diferente da atual; eram dois diretores - Diretor Geral e Diretor Técnico. Atualmente opera com quatro diretores e uma presidência, tendo como titular Valter Barreto Góis.

O Estado é o maior acionista da Energipe. Subscrive 51 por cento do capital da Empresa. As ações do Estado foram integralizadas com a incorporação do patrimônio dos Serviços de Luz e Força de Aracaju, constituído por linhas de transmissão, distribuição, instalações, máquinas e equipamentos, móveis e utensílios, imóveis e demais bens, indispensáveis ao funcionamento da Empresa, cuja avaliação ficou a cargo de uma comissão constituída posteriormente.

A partir da data da implantação da Energipe ficaram definitivamente extintos os Serviços de Luz e Força de Aracaju. Enquanto isso a nova empresa evoluiu, através do seu primeiro estatuto a sua própria estrutura funcional, estabelecendo normas, cargos e mandatos, ao mesmo tempo em que investia na formação de um corpo técnico adequado às necessidades existentes, bem como àquelas que viriam a surgir nas décadas seguintes, tudo isso dentro de um propósito único: fornecer energia elétrica de forma satisfatória para consumo domiciliar, industrial, comercial e rural, iluminação pública e de órgãos federais, estaduais e municipais. Nascia portanto a Energipe, com o propósito definido de oferecer bons serviços, o que se tornou marca registrada trinta anos depois.

Desde a sua criação, a Energipe era administrada pela Diretoria Executiva, composta de um Diretor Geral e um Diretor Técnico, Conselho de Administração, Conselho Fiscal, além da Assembléia dos Acionistas. A Energipe obteve um extraordinário crescimento no quadriênio 1963/1967. Nessa época foi construído o edifício sede da Empresa. Constatada a necessidade de reestruturar sua administração para torná-la operacionalmente mais eficiente, a Lei 1505 de 06 de dezembro de 1967 extinguiu a figura do Diretor Administrativo, conservando-se apenas o Diretor Técnico. Foi extinto também o Conselho de Administração, que seria mantido mais tarde através da Lei Federal 6404 de 15 de dezembro de 1976, que regulamentava as sociedades

por ações, e determinou que as Companhias mantivessem nas suas administrações os Conselhos de Administração.

Foram os passos iniciais para a descentralização do sistema, em função de um atendimento mais amplo e eficiente, completamente diferente do que se tinha na época dos Serviços de Luz e Força de Aracaju, quando concessionárias e municípios geriam distintamente a distribuição de energia elétrica em Sergipe. A centralização decorrente da criação de uma empresa como a Energipe, destinada a gerir a nível estadual o sistema de distribuição de energia elétrica, proporcionou inicialmente condições essenciais para todo um processo de recuperação do sistema, de duas maneiras: além das correções das deficiências operacionais, contava-se também com uma Diretoria mais autônoma na sua composição, o que permitia uma abordagem mais eficiente dos problemas existentes.

Com a formação de Diretorias Específicas a situação pôde, pela primeira vez, ser avaliada com precisão, a partir da especialidade de cada diretoria. A nível interno começava o trabalho de treinamento de pessoal com o objetivo principal de atender satisfatoriamente à comunidade usuária, enquanto a nível técnico os profissionais também passavam por cursos de capacitação, para que os problemas existentes fossem solucionados de forma racional e dentro da realidade de uma empresa recém-criada.

Essa preocupação dos primeiros diretores já refletia a preocupação com o que hoje é o objetivo da própria existência da Energipe - promover todas as condições para um fornecimento de energia elétrica à comunidade, planejado e completamente adequado às necessidades existentes. Mais que isso, pensar sobretudo nas necessidades futuras, porque desde a sua fundação a Energipe vem se dividindo entre o que deve ser feito agora e o que poderá ser feito no futuro, numa postura onde as soluções antecedem as necessidades.

A nível de planejamento, já na época da criação da Energipe, havia a preocupação com a elaboração de previsões de mercado a curto e longo prazos, estudos preliminares de novas linhas de transmissão e subestações, execução de projetos de engenharia e a implantação de novas redes de distribuição, linhas de transmissão e subestações. Isso porque já se percebia em Sergipe um potencial energético extremamente satisfatório, pelo menos a nível de consumo, em função do crescimento populacional acentuado, que a cada dia dava origem a um novo município e, conseqüentemente, a um consumo maior de energia elétrica.

Foi um momento profícuo. Das pranchetas dos técnicos saíam diamante projetos que eram concebidos não só em função das necessidades existentes, como também a partir de uma ótica futura. Havia realmente muita fertilidade na concepção de projetos, mas havia também, de outro lado, um crescimento populacional acelerado que, às vezes, fazia com que alguns projetos fossem repensados e adaptados a uma realidade que se modificava na medida em que crescia a população sergipana.

A favor, apenas o fato de ter Sergipe uma área territorial reduzida (21.994 Km<sup>2</sup>), o que, pelo menos em tese, facilitaria a adoção de qualquer tipo de abordagem. Só que isso nem sempre foi um ponto favorável, justamente porque, como se disse antes, a população crescia rapidamente e as características de cada local eram modificadas quase que de uma noite para o dia, o que gerava a necessidade de reformulações.

Apesar disso, alguma coisa precisava ser feita, e foi: entendeu-se que o ideal seria conciliar esse crescimento, até certo ponto desordenado, com a necessidade que ele mesmo criava, de um atendimento eficiente na distribuição de energia elétrica. Só que, na época, isso já em meados da década de 60, as diretorias que se sucederam optaram coerentemente pelo sistema que consistia em suprir de forma racional o consumo e, paralelamente, criar condições para ampliar o sistema de distribuição de energia elétrica, sempre que houvesse um crescimento acelerado da população.

E assim foi. Enquanto se tentava promover um atendimento satisfatório aos consumidores, um atendimento capaz de fazer frente à demanda, por outro lado se tentava evoluir tecnicamente e elaborar projetos complementares para que o consumo nunca viesse a superar a capacidade de fornecimento do sistema elétrico. Foi quando se começou a pensar na implantação de algumas subestações, novas linhas de transmissão e redes de distribuição, para, dessa forma, projetar o próprio futuro, enquanto se atendia eficientemente as necessidades do presente.

Continuar proporcionando o fornecimento de energia elétrica aos consumidores, dentro dos padrões definidos não só por Portarias Regulamentadoras, como também pelos próprios princípios da Energipe, que desde a sua criação vinha mantendo a oferta de bons serviços como lema principal e definitivo.

Em meados da década de 60 vários municípios sergipanos já haviam sido incorporados à área de concessão da Energipe. Além de Aracaju e Barra dos Coqueiros, que foram os alvos imediatos, já integravam o sistema os municípios de Simão Dias, Carra, Gracho Cardoso, Pinhão, Amparo do São Francisco e Porto da Folha. Os demais municípios só vieram a integrar o sistema na década de 70, principalmente, e alguns poucos na década de 80.

Os primeiros municípios a serem incorporados à área de concessão da Energipe já contavam com uma população significativa e com atividades comerciais expressivas. Aqueles que já dispunham de um sistema de distribuição de energia elétrica foram incorporados também com seus problemas, fruto de um sistema descentralizado e explorado quase que sem critérios definidos, sofrendo apenas revisões periódicas, mas sem nenhum tipo de planejamento ou respaldo técnico.

Ao longo de seus 30 anos de existência, a presença da ENERGIPE pode ser notada em cada canto de uma cidade sergipana, em cada povoado do interior. Para isso, basta que a noite chegue e todos assistam as mudanças proporcionadas pela presença da energia elétrica. Mesmo sem contar ainda 30 anos, há muito tempo que a ENERGIPE e a ELÉTRICA estão trabalhando juntas em favor do desenvolvimento de Sergipe. Nesse instante em que a principal concessionária de energia elétrica do Estado completa seus 30 anos, a ELÉTRICA não poderia deixar de dizer outra coisa senão: Parabéns ENERGIPE!



ENERGIPE

Gerentes: Raimundo Juliano Souto Santos Ana Suely Faria Souto Teles Ananias Santana Teles

# 30 anos



A ELÉTRICA

SOUTO TELES CIA LTDA

# O progresso

Comemorar 30 anos de existência, além de retratar a empresa, significa confiar no futuro de Sergipe. E isso, nessas três últimas décadas, prestando serviço a todo o Estado, por conta disso, A ELÉTRICA parableniza a todos que fazem essa empresa modelo aos seus mais de mil e quatrocentos funcionários. ELENTRICIDADE: crescendo juntas com Sergipe. Para 30 anos escritos à luz da história.



# os e se afirma na virada obras visando o futuro

...por conta de um processo de desgaste que havia se instalado ao longo dos anos... de mais de 200 mil consumidores, em todo o Estado de Sergipe. Como diria mais... impossibilidade de se implantar essas medidas, por causa do descrédito em que... com vários órgãos ligados ao setor energético, qualquer rumo que a nova diretoria... arrumar a casa", com a normalização dos estoques, adequação de um corpo... adaptação de recursos para novos investimentos. Apesar de toda essa adversidade,... importância, e, em seguida, implementar as medidas inadiáveis. Com isso,... contou com o apoio incondicional do governador Antônio Carlos Valadares, sensível... diretoria foi restabelecendo a credibilidade da Empresa, reassumindo o seu papel, para,... que existia e, certamente, dará todas as condições favoráveis para que seja

nível de Estado. Nesse período Sergipe já apresentava características de um Estado em pleno processo de desenvolvimento e o novo sistema de distribuição de energia elétrica representado pela Energeipe foi fator decisivo, na medida em que, reestruturado, possibilitou a implantação de indústrias na Capital e de pequenas atividades industriais no interior, que acabaram incorporadas às atividades econômicas naturais existentes. O Setor Industrial em Sergipe já apresentava contornos bem definidos. Além das empresas instaladas na Capital, as atividades industriais dos municípios, viabilizadas a partir de um sistema de distribuição de energia compatível, geravam uma produção suficiente para o suprimento interno e, em certo momento, um excedente que incluiu o Estado de Sergipe no rol dos Estados exportadores. Com uma produção diversificada, Sergipe passou a compensar sua limitação territorial com um potencial produtivo que acabaria atraindo empresas de outros Estados brasileiros, que aqui se instalaram e, juntamente com as empresas locais, dotaram Sergipe de todas as condições necessárias para atrair inclusive o capital externo.

Todos os setores da economia sergipana evoluíram aceleradamente e isso significava mais empregos, mais divisas para o Estado e, num aspecto específico, mais consumo de energia elétrica. Consciente disso, a Energeipe cada vez mais se modernizava e entrou numa fase operacionalmente adulta, com a idealização e realização de projetos extremamente necessários para que esse crescimento econômico do Estado fosse respaldado por uma estrutura de apoio ao setor energético que garantisse um suprimento satisfatório às indústrias já existentes e àquelas que viessem a ser implantadas.

O processo de industrialização de Sergipe atraiu diversas empresas de outros Estados brasileiros e, a partir de certo momento, passou a impor a necessidade de uma mão-de-obra qualificada. Mais uma vez a Energeipe deu a sua contribuição, promovendo cursos de capacitação e qualificação de mão-de-obra, seminários, encontros e tudo o mais que se pudesse traduzir em adequação, em política de adaptação a essa nova realidade.

A Energeipe e o Estado cresceram juntos. Essa preocupação da Empresa em estar sempre sintonizada com a nova realidade de Sergipe se converteu num caráter predominante e, graças a isso, encerrou a década de 80 com uma estrutura operacional moderna, uma estrutura administrativa e técnica coerente e uma linha final de atuação suficientemente amadurecida para iniciar a década de 90 num estágio evolutivo imaginado na sua criação e consolidado décadas depois.

Ao longo do seu processo de industrialização, Sergipe passou a atrair não só investimentos externos, como também o interesse de milhares de brasileiros, por suas belezas naturais e pelas condições de permanência que oferecia. Começava aí uma nova indústria que subsistiria a partir de uma estrutura eficiente que proporcionasse uma permanência semelhante à existente nos locais de origem das pessoas. Sergipe passou a ser parada obrigatória nos roteiros turísticos. Assim, a indústria do turismo passou a integrar o potencial sergipano. Um fato curioso que deve ser destacado é a questão da permanência definitiva em Sergipe, de pessoas de outros Estados brasileiros. Acontece que, por conta do seu crescimento ordenado, do seu potencial e da característica hospitalareira do seu povo, Sergipe passou a "adotar" pessoas dos mais diversos lugares, que aqui encontraram o conforto das grandes cidades e o sossego de uma comunidade pacífica, permanecendo aqui definitivamente.

Essa população flutuante, formada por turistas e residentes com origem em outros Estados, encontrava aqui toda uma infra-estrutura destinada a proporcionar uma acomodação confortável e moderna. Também aí a Energeipe contribuiu consideravelmente, viabilizando, a partir dos serviços que oferece, a implantação de um sistema de hotelaria que, proporcionalmente, nada fica a dever aos grandes Estados brasileiros.

O Nordeste, que até então era sinônimo de desconforto, Sergipe, especialmente, passou a oferecer aos turistas e à população em geral serviços requintados que, somados ao potencial turístico natural, proporcionaram um verdadeiro êxodo. Normalmente em Sergipe se encontra pessoas do Brasil inteiro, deslumbradas com as belezas e os costumes locais. Naturalmente a Energeipe não é a única responsável por tudo isso, mas contribuiu intensamente para que o turismo em Sergipe fosse consolidado, criando condições ideais de permanência, a partir de um sistema de distribuição de energia elétrica eficiente, que iluminou para o mundo não só uma bela Capital, como também verdadeiros patrimônios históricos nas cidades do interior, hoje conhecidas mundialmente.

A exemplo dos demais setores da economia local, a Energeipe também mostrou ao que veio, na industrialização do turismo em Sergipe. Apesar do acompanhamento técnico constante, a Energeipe chegava ao final da década de 80 com uma série de pendências operacionais e até numa posição de descontento, não só pelos problemas sucessivos gerados pelo crescimento acelerado do Estado, como também pela necessidade de ajustes na sua política de atuação, que em determinado momento foi desviada para projetos mais vistosos do que utilitários, como a construção, sem necessidade e sem recursos, do chamado Palácio da Luz, um conglomerado de custo altíssimo e oportuno que funcionaria como sede da Empresa. Se fosse construído, o Palácio da Luz consumiria recursos que, além de escassos, deveriam ser canalizados para questões prioritárias e urgentes, como a modernização do sistema de distribuição de energia elétrica, composto, a essa altura, por equipamentos e instalações obsoletos, desgastados e sem uma manutenção adequada.

Além da substituição desses equipamentos, havia ainda a necessidade da construção de subestações em algumas localidades, porque o sistema, nesse último estágio, apresentava sintomas de estrangulamento. Por outro lado algumas localidades do interior e toda a zona rural ainda não haviam sido beneficiadas com a distribuição de energia elétrica.

Somando-se a isso os baixos estoques e o descrédito em que a Empresa se entrava perante fornecedores e investidores, deduz-se as dificuldades encontradas pelo empresário Valtér Barreto Góis, ao assumir a presidência da Empresa em 9 de janeiro de 89.

Sendo empresário, Valtér Barreto estava também na condição de usuário e, como os demais, sentia na pele as deficiências do sistema de distribuição de energia elétrica em Sergipe, o que facilitou, como presidente da Energeipe, um envolvimento pleno com as questões mais vitais da Empresa.

Contando com o apoio irrestrito do governador Antônio Carlos Valadares, Valtér Barreto decidiu que muita coisa precisaria ser repensada para que o sistema voltasse a cumprir eficientemente o seu papel e idealizou uma série de projetos de caráter prioritário, para aborçar as deficiências de todo o sistema e resgatar a credibilidade da Empresa junto aos diversos setores.

Quando a atual presidência da Energeipe, na pessoa de Valtér Barreto Góis, foi empossada em 9 de janeiro de 1989, deparou com um universo de deficiências no sistema, por conta de um período de estagnação da Empresa, em que projetos de prioridade discutível, como a construção do Palácio da Luz, por exemplo, estavam na linha de frente, enquanto na Capital e no interior o sistema apresentava sintomas visíveis de estrangulamento. Foi um período curto e infeliz na vida da Energeipe, apesar do empenho constante do governador Antônio Carlos Valadares, que ao longo do seu mandato vem criando todas as condições de viabilização da Empresa.

A verdade é que o presidente Valtér Barreto Góis, já ao lado de um corpo administrativo e de um corpo técnico reformulados, iniciou um trabalho não só de recuperação do sistema, como também da própria imagem da Empresa, a essa altura bastante desgastada junto à população e aos investidores. Haviām deficiências das mais diversas matizes, e insuficiência de recursos para reverter o quadro.

Com baixos estoques, uma mão-de-obra tecnicamente insatisfatória e uma credibilidade extremamente abalada, a Energeipe tinha pela frente uma situação de desconforto total. O sistema de distribuição de energia elétrica em todo o Estado era composto por equipamentos velhos e obsoletos, que além de servirem mal à população punha em risco a sua própria vida. Era fofos partidos, postes velhos que desabavam freqüentemente e toda uma série de equipamentos que precisavam ser substituídos imediatamente. A situação era de tamanha insegurança e insuficiência, que haviām até documentos internos isentando o corpo técnico da Empresa quanto a possíveis acidentes com vítimas fatais, o que já estava acontecendo.

Foi aí que, a partir do apoio decisivo do governador Valadares, Valtér Barreto iniciou uma série de projetos e ações que foram desenvolvidos em todo o Estado de Sergipe, através de programas assistenciais como a Operação Cidade, Projeto Luz no Campo, implantação de novas subestações e outros programas capazes de atacarem de frente e de forma maciça todos os problemas que o sistema vinha enfrentando.

"Dirigir uma empresa que a Energeipe é um desafio muito grande, principalmente porque nós, que estávamos de fora, não tínhamos percebido o que tudo aqui representa, mas ao aceitar administrar este desafio assumimos, com a nossa posse, o compromisso de fazer o melhor pela Empresa. De imediato precisamos adequar a Energeipe através de uma nova política administrativa que, no momento, é exigida. Já estamos corrigindo algumas distorções e queremos, a curto prazo, equilibrar as finanças de casa. Não é possível que a Energeipe tenha dinheiro para receber e não recebe. Afinal, temos compromissos a saldar e precisamos honrar esses compromissos com fornecedores. Precisamos priorizar os investimentos e tocar adiante os projetos que precisam ser executados com urgência". - Trecho de uma entrevista concedida por Valtér Barreto, ao assumir a presidência da Energeipe.

Nele observamos que, a partir desse momento, a Energeipe entrava numa nova fase; retornava o seu papel a partir de uma visão racional e um conhecimento mais amplo sobre a situação existente. Definitivamente, o controle e a ausência de propósitos específicos dariam lugar a uma política de atuação precisa, prioritária e participativa, disposta a aceitar sugestões. Era isso que Valtér Barreto tinha em mente quando assumiu a presidência da Empresa.

Seu empenho pessoal, somado ao respaldo do Estado, na pessoa do governador Antônio Carlos Valadares, deu origem a uma série de projetos de caráter inadiável. A ideologia da Energeipe não se resumia mais à concepção de projetos que além de terem um caráter aleatório e inespecífico, acabavam sempre engavetados pela falta de estrutura interna, de crédito e também de vontade de realização.

Vários foram os projetos concebidos por Valtér Barreto e sua equipe, já no início de sua administração, com o objetivo de combater e aborçar maciçamente as pendências existentes em todos os planos, principalmente no setor operacional, sempre dependente de recursos que a Empresa não tinha, embora a dívida acumulada por prefeituras e empresas fosse suficiente para iniciar alguns projetos se fosse paga, só que não estava sendo.

Em resumo, a Energeipe devia muito porque também tinha muito a receber e não recebia. Nesse estágio foi decisiva a participação do Governo do Estado na concessão de recursos que foram canalizados para projetos inadiáveis, cuja ausência significava toda uma população

...cresceu 67,77% o que corresponde a uma taxa média anual de 7,67%. A energia primária teve um crescimento de 31,08% no mesmo período, sendo que o energético que mais contribuiu para esse desempenho foi o gás natural, cujo consumo aumentou 397,66%. Já o consumo de energia secundária cresceu 86,74% com a contribuição bastante significativa da eletricidade, que cresceu 155,84% no período.

O consumo energético final do setor residencial diminuiu 4,43% nesse período. O maior consumo foi o de lenha, com uma participação de 68,54% em 1980 e chegando a 1987 com 39,81%. O segundo volume mais representativo foi o da eletricidade, com 17,43% de participação em 1980, alcançando 36,18% do consumo total de 1987. Convém ressaltar também o consumo de GLP, que foi o energético com maior crescimento no período (121,25%), indicando um alto grau de substituição da lenha e do carvão vegetal.

O setor comercial utilizava vários energéticos onde a eletricidade era o principal, com uma participação de 83,70% em 1980 e 99,2% em 1987, em relação ao consumo total do setor. O crescimento do consumo de eletricidade no período foi de 96,10%, correspondendo a uma taxa média anual de 10,10%.

A base de consumo energético no setor público era de eletricidade, e apresentou um crescimento de 118,04% também no período 80/87, que equivalia a uma taxa média anual de 11,78%.

No setor agropecuario o consumo final energético diminuiu 40,76%. Os principais energéticos consumidos nesse setor eram a lenha, cuja participação relativa em 1980 era de 79,35% e em 1987 passou para 72,02% e a eletricidade, com uma participação relativa de 4,62% em 1980 e 27,98% em 1987.

O setor de transporte teve um aumento de consumo energético de 71,39%, correspondendo a uma taxa média anual de 8%. O principal energético utilizado no setor era o óleo diesel, cuja participação relativa no consumo total era de 58,73% em 1980 e passou para 55,77% em 1987. Hoje o segundo consumo energético mais importante do setor é o álcool etílico que em 1980 detinha uma participação relativa de apenas 0,60% e em 1987 aumentou para 28,02%.

Deve-se destacar que houve uma queda no consumo de gasolina de 44,11%, que mesmo assim continuou com uma importante participação relativa no consumo global do setor, pois em 1980 era de 40,07% e em 1987 passou para 13,07%.

O setor industrial continuava sendo o mais importante em termos de consumo final de energia. Nele constata-se, dentro desse período, consumo da quase totalidade dos energéticos. Ao longo da década de 80 o consumo final energético deste setor aumentou em 160,96%, equivalente a uma taxa média anual de 14,69%. O energético mais importante no período ainda era a eletricidade, cuja participação relativa no consumo total era de 31,52% em 1980 e passou para 38,48% em 1987. O consumo de energia elétrica teve um crescimento de 218,57% no período com uma taxa média anual de 18,00%.

O segundo energético mais importante continuava sendo o gás natural, com uma participação relativa no consumo global de 15,67% em 1980, que aumentou para 29,88% em 1987, o consumo deste energético cresceu em 397,66% ainda nesse período, correspondendo a uma taxa média anual de 25,77%. Deve ser destacada também a participação do bagaço de cana (devido ao Proálcool), que em 1980 era de 30,12% e em 1987 passou para 14,86%.

Em resumo, no período de 1980 a 1987 os energéticos consumidos eram o gás natural, energia hidráulica, cana-de-açúcar, lenha, petróleo e carvão a vapor, como energia primária, óleo diesel, óleo combustível, gasolina, GLP, bagaço de cana, que-rosene, coque de carvão mineral, eletricidade, carvão vegetal e álcool etílico, como fontes de energia secundária.

Nesse quadro, e dentro do período, o consumo final de energia hidráulica, cana-de-açúcar e o coque de carvão mineral permaneceu estável, assim como outros energéticos também não apresentaram evolução de consumo nos setores residencial, comercial, público e agropecuario. O setor de transporte era alimentado unicamente por fontes de energia secundária com um percentual maior pa-

ra o óleo diesel. Em segundo lugar estava o consumo de gasolina e, em proporções ainda bastante modestas, o álcool etílico e o que-rosene, no caso desses dois últimos, no setor domiciliar, principalmente.

Numa visão panorâmica, pode-se afirmar que os índices referentes à produção, exportação, transformação e consumo de energia em Sergipe mostram um excelente desempenho no período de 1980 a 1987. Tendo em vista a grande importância do setor energético na economia estadual, tornou-se premente um melhor acompanhamento do mesmo, através de levantamentos de dados, estudos, propostas e planejamento.

Os primeiros passos foram dados através da Energeipe, com a criação do Programa de Desenvolvimento Energético, já no início de 1990. Esse programa tem como finalidade a elaboração de balanços energéticos estaduais e uma série de estudos ligados ao setor energético em Sergipe.

Deste modo, formou-se uma equipe técnica que trabalhou as séries históricas de dados sobre energia e atualizou o Balanço Energético até 1987. Os dados referentes aos energéticos lenha e carvão vegetal, foram estimados a partir de uma pesquisa de campo realizada em 1982 e de informações junto ao IBGE e IBAMA.

Para a elaboração dos balanços futuros seria necessária a realização de pesquisa de campo sobre produção, transformação e consumo, principalmente dos energéticos não controlados, a fim de obter-se uma melhor qualidade das informações estatísticas contidas nos relatórios anuais do setor energético no Estado de Sergipe.

Paralelamente, a necessidade da formação de uma equipe técnica qualificada e encarregada da elaboração do planejamento energético, através de cursos de média e curta duração, estágios, congressos, seminários e encontros. Além da formação de uma mão-de-obra qualificada, a realização desses eventos tornou-se indispensável e até vital para a Energeipe, por conta da necessidade de atualização, troca de informações e uma maior interação com outros Estados brasileiros, também possuidores de problemas diversos nos seus sistemas de distribuição de energia elétrica.

Não sena demais afirmar que, nesse sentido, a Energeipe deu e continua dando a sua contribuição para a solução de alguns problemas vividos por outros Estados brasileiros no campo energético, a partir da experiência acumulada ao longo de três décadas de convivência com essas questões, e da experiência adquirida na abordagem das pendências operacionais existentes no seu próprio sistema. Se analisarmos a trajetória da Energeipe, desde a sua implantação em 31 de dezembro de 1960, até meados da década de 80, veremos que a Empresa manteve em todos os momentos uma atuação linear. Nota-se que os problemas sempre existiram mas nunca comprometeram sua evolução, ao contrário: as pendências operacionais e até mesmo administrativas sempre estimularam a Energeipe a caminhar lado a lado com os diversos setores da economia sergipana, modernizando-se junto com eles.

O período de 1960 a 1970 ficou caracterizado pela necessidade da criação de uma estrutura operacional que revertesse a situação existente por conta de do antigo sistema de distribuição de energia elétrica no Estado, onde o Serviço de Luz e Força elétrica pela Energeipe, atuava unicamente na Capital, enquanto no interior o sistema era gerido isoladamente por concessionárias e pelos próprios municípios.

Deve-se salientar que, nos momentos iniciais, a Energeipe, necessariamente, deteve-se numa espécie de reconhecimento do quadro existente, por- pécia de incorporação definitiva da maioria dos municípios sergipanos ao novo sistema gerou a necessidade da adoção de medidas com efeitos globais. Essas medidas abrangentes deveriam compor uma política de distribuição e atendimento unificada, por- pois que até então esses municípios ficavam entregues à própria sorte, como foi dito antes, gerindo sistemas de distribuição independentes, isolados e deficientes.

A partir de então observa-se um processo de integração entre essas localidades, que mais tarde seria decisiva não só no incremento das atividades econômicas locais, como também na composição de um quadro econômico a cada dia mais sólido, a

Comemorar 30 anos de existência, além de retratar a seriedade de uma empresa, significa confiar no futuro de Sergipe. A LARBELO orgulha-se de ter colaborado para a modernização da ENERGEIPE, instalando divisórias e fornecendo móveis MADEIRENSE. Parabênizando sua Diretoria e, especialmente, seus funcionários que, juntos, fizeram o progresso da empresa. Parabéns ENERGEIPE.

ALVES, BARRÊTO & CIA. LTDA.

A ELETRICIDADE TAMBÉM ESTÁ PRESENTE NOS 30 ANOS DA ENERGEIPE

Comemorar 30 anos de existência, além de retratar a seriedade de uma empresa, significa confiar no futuro de Sergipe. A LARBELO orgulha-se de ter colaborado para a modernização da ENERGEIPE, instalando divisórias e fornecendo móveis MADEIRENSE. Parabênizando sua Diretoria e, especialmente, seus funcionários que, juntos, fizeram o progresso da empresa. Parabéns ENERGEIPE.

LARBELO

LARBELO - A MENEZES & CIA. LTDA



*o grande*

Hoje é dia de quem  
trabalha a noite inteira  
para você acordar  
bem informado.



Um dia especial não só para os que fazem a GAZETA DE SERGIPE, mas para os que, diariamente, lêem o jornal mais antigo do Estado. O mais antigo e o de maior tradição. Uma marca registrada pelo seu fundador, jornalista Orlando Dantas, exemplo maior de jornalismo sério e competente. Um dia onde todos se voltam ao passado para justificar o presente de afirmação que hoje é a GAZETA DE SERGIPE. A USINA SÃO JOSÉ DO PINHEIRO não poderia deixar de parabenizar a todos que hoje fazem a GAZETA nesse dia tão importante.

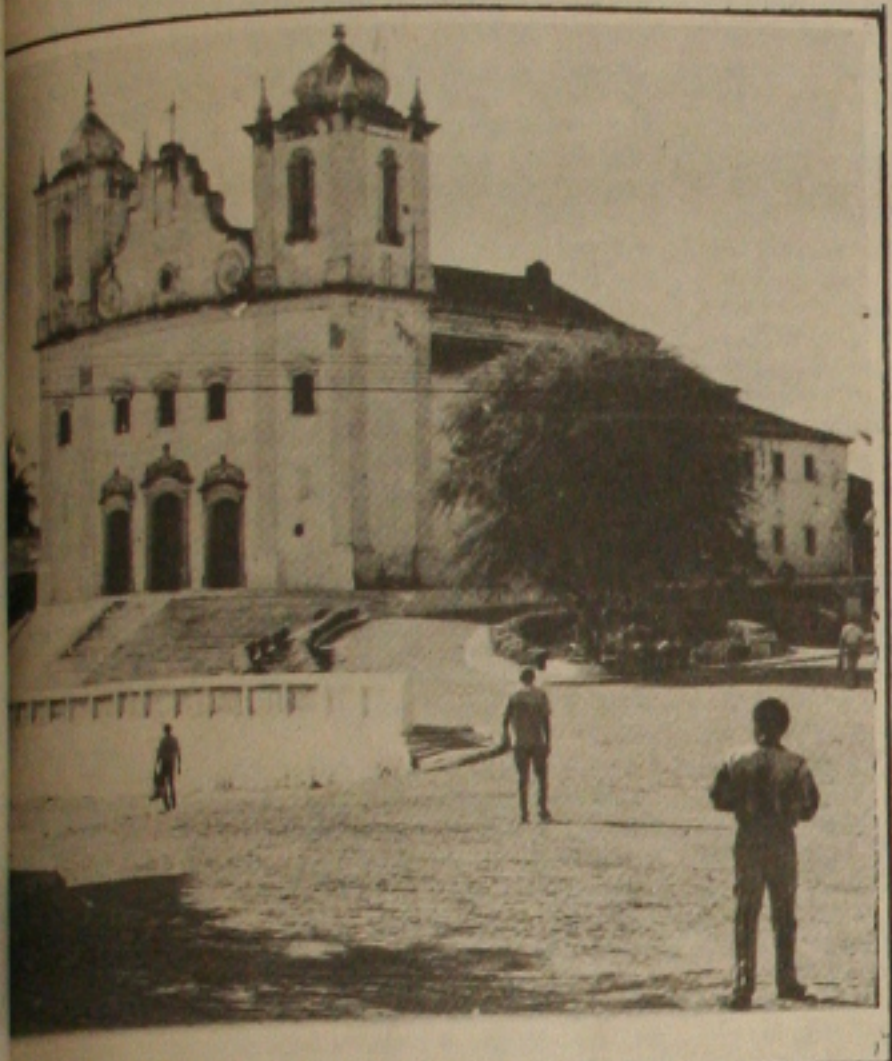
**USUP** USINA

**SÃO JOSÉ DO PINHEIRO**



# ornalismo com amor

No jornalismo como em qualquer outra profissão é necessário que, antes de qualquer coisa, tudo seja feito com dedicação, competência, seriedade e, sobretudo, com amor. Esses princípios foram sempre mantidos pelo fundador da GAZETA DE SERGIPE, jornalista Orlando ... e são seguidos pelos que hoje fazem o mais antigo jornal de Sergipe. No instante em que a GAZETA completa 35 anos de existência, a Prefeitura Municipal de Nossa Senhora do Socorro, não poderia deixar de enaltecer essa obra, como também parabenizar diretores e funcionários. Parabéns GAZETA DE SERGIPE pelo exemplo.



Entregaram-se os Terroristas de Jacarepaguá

**INTRIGA OPOSICIONISTA ESMAGADA**

**GAZETA**  
*de Sergipe*

Autoridades Cearenses em Sergipe

Polícia Busca Vigarista

## Nossa Senhora do Socorro

Participação,  
Desenvolvimento e Paz

# CHEGA DE SONHAR

# O MOMENTO

# É DE

# REALIZAR



**Pense grande, pense trabalhando.**

Como a mais antiga cidade de Sergipe e a quarta do Brasil, São Cristóvão não poderia ficar de fora nesta data em que o mais antigo jornal do Estado completa 35 anos de existencia. Esse fato deve merecer os aplausos de todos os sergipanos pelo papel que a GAZETA representou e representa para o desenvolvimento de Sergipe. Um marco na história do jornalismo de nossa terra que demonstra a seriedade com que é tratada a opinião pública. A todos os que hoje fazem a GAZETA DE SERGIPE só resta dizer: PARABÉNS!



tivos à agricultura e o início da exploração de outros recursos naturais. O crescimento populacional gerou uma extensão dos limites urbanos e deu origem a inúmeros povoados, que mais tarde foram emancipados e passaram à condição de municípios.

Um verdadeiro golpe para os que sonhavam com a industrialização de Sergipe foi dado pelo grupo liderado pelo baiano Euvaldo Luz, ao conseguir aprovação do Conselho Deliberativo da Sudene, do projeto de exploração do salgema de Macaíó e a obtenção de financiamentos de 200 bilhões de cruzeiros. Por conta disso o salgema sergipano acabaria permanecendo na lista de esperanças, embora detivesse reservas maiores em solos melhores.

Na época a Sudene, através do Engº Aloísio Campos, deixou em aberto a possibilidade da Companhia Nacional de Alcalis vir a explorar o potássio, na mesma área sergipana onde foi encontrado o salgema. Como a industrialização do potássio resulta num resíduo que se pode transformar em sal, esse resíduo seria aproveitado para a fabricação de soda cáustica, a custo baixíssimo. Portanto, restava para Sergipe apenas poucas esperanças.

A política nacional havia ganhado, por conta do tempo, novos aspectos. Em janeiro de 1967 já se encontrava totalmente elaborado pelo Cerimonial do Olímpio Campos, o programa da solenidade da posse do governador eleito, Lourival Batista, que seria empossado juntamente com o seu vice, professor Manoel Machado. A indicação de Lourival Batista para o Governo do Estado foi feita pelo presidente Castelo Branco. Não houve eleições.

O novo governador encontrou uma infra-estrutura do Estado em condições de suportar uma política agressiva, de desenvolvimento econômico, desde que, segundo o jornalista Orlando Dantas, conduzida por um secretariado de categoria, habilitado a cumprir as tarefas de uma planificação inteligente e adequada.

Quase todo o Estado se encontrava cortado por estradas de rodagem, sendo que, mais de 120 quilômetros já asfaltados. A energia elétrica de Paulo Afonso já se estendia por todos os municípios, proporcionando condições de industrialização urbana e rural. O ensino primário tomara impulso; o médio ampliou-se, e o superior já oferecia meios para preparar culturalmente as novas gerações para a implantação do ensino universitário.

O Instituto de Tecnologia e Pesquisas, a Escola de Química, a Escola Industrial, o Senai, a Agrícola Técnica Benjamin Constant, a Escola Técnica de Comércio, a Faculdade de Ciências Econômicas, a de Assistência Social formavam um conjunto de ensino capacitado a preparar a juventude para engajar-se numa política de desenvolvimento econômico.

Sergipe apresentava, portanto, todas as condições para fazer frente a um desenvolvimento pleno, desde que houvesse boa vontade no lugar da política, como disse Orlando Dantas, clientelista e eleitoreira.

No primeiro dia de 1968, o governador Lourival Batista recebeu no Palácio Olímpio Campos, autoridades civis, militares e eclesiásticas, de quem recebeu votos de um feliz ano novo. As crianças do Oratório Festivo Nossa Senhora Auxiliadora e do Instituto Lourival Fontes, entoaram canções natalinas para o governador e seus convidados.

Do lado de fora, nos becos e ruas sujas, os mendigos caminhavam alheios a tudo aquilo, como se já estivessem mortos. A situação de abandono da população pobre de Sergipe e o crescimento da mendicância era uma coisa assustadora. Em várias oportunidades o jornalista Orlando Dantas denunciava essa situação. Alguns casos eram solucionados pelo seu prestígio pessoal.

O presidente Costa e Silva, em mensagem de fim-de-ano, declarou que a inflação diminuía e que o produto interno bruto havia-se elevado a 5%, enquanto a média dos anos anteriores, segundo ele, havia permanecido no patamar de 3%. O presidente Costa e Silva tentava passar para o povo brasileiro uma imagem ufanista, seguida e mantida por seus sucessores. Na verdade havia uma crise institucional generalizada, onde as pessoas desviavam para o exterior não só mão-de-obra especializada, conhecimentos técnicos e até mesmo capitais.

No exterior, o alto comando norte-americano no Vietnã resolveu



Os conjuntos habitacionais começam a surgir em Aracaju

apresentar o seu balanço de perdas de aviões, desde que a guerra foi iniciada no Sudeste asiático. A guerra do Vietnã consumia dos americanos bilhões de dólares por ano. Os Estados Unidos achavam que ganhavam a guerra em pouco tempo mas, na prática, o que se via era a dizimação dos seus pelotões, combatendo em uma terra desconhecida, com um clima totalmente diferente do deles e, além disso, com um exército muito bem armado pelos russos.

Longe do Vietnã, uma outra guerra era travada, só que sem mortos e por melhores salários. Os bombeiros de Aracaju se rebelaram contra as condições de trabalho e os baixos salários. O movimento visava a tomada do quartel do Corpo de Bombeiros, esperando os revoltosos amanhecer o dia seguinte com inteiro domínio da situação. Segundo afirmaram à Gazeta de Sergipe, só voltaram a receber ordens do seu comando quando fossem concedidos melhores salários. A partir da delação de um companheiro, vários sargentos foram presos e o movimento sufocado.

Dois dias depois o prefeito de Aracaju, Teixeira Machado, baixou uma portaria mandando instalar uma Comissão de Inquérito Administrativo para apurar as causas da insubordinação, sob a presidência do Capitão da Polícia Militar, Valdelino Souza Soares. Em entrevista à Gazeta de Sergipe o prefeito Teixeira Machado afirmou que não tinha havido exatamente um motim, porque não houve propriamente uma ação armada. Acreditava o prefeito que, por influências estranhas, o movimento do Corpo de Bombeiros de Aracaju foi tomando forma, principalmente a partir da visita de bombeiros do Estado da Bahia.

Segundo o prefeito, os métodos usados foram copiados de Salvador, onde surtiram efeito, mas que em Aracaju a situação era inversa. Quando o motim dos bombeiros de Aracaju tornou-se público, o prefeito Teixeira Machado declarou que o movimento dos sargentos dos Bombeiros não tinha sentido, porque na visita que lhes fizeram alguns oficiais da corporação, já havia dito que, se continuassem na Prefeitura, tomaria providências para aumentar os salários do funcionalismo público e, conseqüentemente, do Corpo de Bombeiros.

No Rio de Janeiro, setores militares vinculados ao governo explicavam que o Decreto-Lei que reformulou o Conselho de Segurança Nacional tinha como objetivo fundamental preparar a máquina governamental para fazer frente às ameaças que partiam de pessoas interessadas em desestabilizar o regime implantado.

Em 30 de setembro de 1968 morria no Rio de Janeiro Stanislaw Ponte Preta. Era escritor, jornalista, teatrólogo e pouco conhecido pelo seu verdadeiro nome Sérgio Porto. Foi autor do livro Festival de Besteiras Que Assola o País, As Cariocas, Tia Zulmira e Eu, além de outras obras. Stanislaw Ponte Preta ficou famoso em todo o país graças ao seu espírito mordaz de crítica aos assuntos da atualidade. Morreu no Instituto Brasileiro de Cardiologia, com complicações cardíacas.

No dia 21 de dezembro de 1968 astronautas americanos decolaram a bordo da nave Apolo 8 para missão de reconhecimento ao redor da lua, até então a maior façanha na história dos norte-americanos. Enquanto isso a União Soviética também preparava cosmonautas para missões espaciais, sob a acusação de que ainda tinha tecnologia suficiente para se equiparar aos Estados Unidos.

1968 seria marcado, portanto, por grandes conquistas em alguns setores e retrocessos em outros. No plano político a situação nacional foi bem definida pelo jornalista Orlando Dantas em seu editorial Perspectivas em 1969. O jornalista afirmava que a problemática brasileira havia entrado numa fase decisiva com a instituição do Ato nº 5. O processo revolucionário, dizia Orlando Dantas, é o resultado da agitação da opinião pública em torno de reformas de base, da liberdade de expressão, na ausência do medo antes do movimento de 1964.

"As potencialidades econômicas são imensas e facilmente exploráveis, desde que o povo resolva enfrentar com recursos próprios os problemas existentes a partir de soluções nacionais, sem o feiticismo da confiança ilimitada nos auxílios estrangeiros", pregava Orlando Dantas.

Mais uma vez o petróleo voltava a jogar em território sergipano. Era a vez de Maruim, através de uma sonda da Servipetrol, empresa que trabalhava para o Projeto Potássio do Departamento Nacional de Produção Mineral. A reserva estava localizada nas proximidades da Usina Pedrinhas e tão logo a Petrobrás tomou conhecimento, requisitou o poço e comprovou definitivamente a existência do óleo.

A situação no Oriente Médio se agravava com as investidas de Israel na zona do Canal de Suez. Forças israelenses e egípcias estavam constantemente em choque. Os jornais do Líbano abriram manchetes dizendo que recaberiam bem uma eventual visita da frota soviética que fazia manobras no Mar Mediterrâneo. A Grã-Bretanha se propôs a fornecer foguetes para a Jordânia e a União Soviética estava disposta a se aliar aos árabes numa possível guerra a Israel.

Nos Estados Unidos o presidente Nixon nomeou Henry Alfred Kissinger como seu assessor para assuntos de segurança nacional, embora nunca tivesse exercido um cargo público por tempo integral. Havia atuado muito tempo como consultor do governo norte americano, mas desconhecia a profundidade do cargo para o qual havia sido nomeado.

Em janeiro de 1969 o Conselho Permanente de Justiça da Segunda Auditoria da Primeira Região Militar condenou a dois anos de prisão o ex-governador do Rio Grande do Sul, Leonel Brizola, acusado de ter organizado o "Grupo dos Onze", no município de Ina, no Espírito Santo.

O ano de 1970 começou bem. O jornalista Orlando Dantas foi homenageado por todo o Estado, pelos 15 anos de existência da Gazeta de Sergipe. Na Churrascaria Yara foi oferecido um jantar para 31 pessoas pelos redatores da Gazeta. Na ocasião foi colocado também o retrato de Orlando Dantas, pintado a óleo pelo artista plástico Washington, na redação do jornal. A solenidade foi transmitida pelas rádios Atalaia e Difusora para todo o Estado de Sergipe, na voz de Santo Santana.

Foi também um ano fértil para o desenvolvimento de Aracaju. O prefeito Aloísio Campos realizou uma boa administração e Aracaju estava sendo dotada de toda a infra-estrutura que necessitava. A administração municipal implantou o Plano de Desenvolvimento Comunitário e, com a participação da comunidade, promoveu a execução de obras de drenagem, plantou mais de duas mil árvores nas principais avenidas. Havia passado também o tempo dos calhambeques. A população passou a ser servida por modernas frotas de ônibus.

Orlando Dantas queria mais para o seu Estado: a construção do Porto de Aracaju, que em outros tempos havia derrubado alguns governos, pela polémica que acusava. Não fosse o transporte rodoviário, embora oneroso, aliviando o problema do escoamento da produção local, Sergipe permaneceria ilhado, marginalizado em suas trocas comerciais e no seu intercâmbio com outros Estados brasileiros. A construção do Porto de Aracaju, que vinha sendo discutida há mais de vinte anos, foi uma das teclas permanentes do jornalista Orlando Dantas.

No mesmo ano foi inaugurada a BR 101 Norte, ligando Aracaju à cidade de Propriá. A rodovia foi construída pelo DER-SE, sob delegação da Sudene e do DNER, com recursos do Governo Federal e do Governo do Estado. Presentes o Ministro Mário Andréazza, dos Transportes, com uma comitiva formada por engenheiros e técnicos do setor de transporte e construção de estradas.

Entre 1º de janeiro de 1960 a 31 de dezembro de 1969, o Estado de Sergipe teve nada menos que 14 governadores. Luiz Garcia deixou o governo seis meses antes para se candidatar a senador. Assumiu Dionísio Machado, que passou para presidente da Assembleia Legislativa, deputado Horácio Goes, 24 horas antes da posse de Seixas Dória. Novamente assumiu o presidente da Assembleia, na pessoa do deputado José Onias. Quando Seixas Dória teve o seu "impeachment" votado pela Assembleia em abril de 64, assumiu a chefia do Executivo seu vice, Celso de Carvalho. Em 1967 Celso viajou para o Sul e, ora assumiu o presidente da Assembleia, ora o presidente do Tribunal de Justiça. Foi assim que passaram pelo Governo Humberto Diniz Sobral, Fernando Leite, Belmiro Goes, Fernando Franco, João Bosco de Andrade e Wolney Melo. Lourival Batista assumiu em janeiro de 1967 e deu, poucas vezes, oportunidade a Cabral Machado de inserir o seu nome como governador.

Em 1970 começavam a ser financiadas as primeiras casas populares em Aracaju, através da Cadernet-Associação de Poupança e Empréstimo, com o endosso do Banco Nacional da Habitação-BNH. A primeira casa financiada pelo sistema pertencia a Carlos Pinto Moura, gerente do Banco Econômico da Bahia. Em seguida, vários sergipanos seriam beneficiados com a concessão do financiamento.

Foi no início dos anos 70 que Aracaju passou a ter exatamente uma vida noturna. A Praia de Atalaia foi descoberta como opção de lazer tornou-se ponto de encontro. Em pouco tempo o bairro Atalaia estava completamente povoado de bares e restaurantes. Segundo consta, o crédito é do colonista social Luis Adelmo que, ao abrir uma casa noturna em Atalaia, até então reduto de "moças mal faladas", quebrou o tabu e abriu caminho para dezenas de outras casas e bares.

Em 1971 governava o País o presidente Emílio Garrastazu Médice, que havia sido indicado como sucessor do General Costa e Silva. O novo presidente se instalou na Granja do Riacho Fundo, há vinte quilômetros do Palácio do Planalto, reservando o Palácio da Alvorada para recepções e grandes acontecimentos.

Aliás, grandes acontecimentos não faltaram em 1971. Enquanto o governo militar via no golpe de 1964 a salvação nacional diversos setores da sociedade denunciavam a existência de grupos de extermínio, prisões no meio da noite e a execução sumária de pessoas sus-



Andréazza: viabilizou obras para o futuro

peitas de pertencerem à reação. Foi um período proibitivo em todos os sentidos. Vários artistas saíram para o exterior e o Doi-CODI, órgão repressor e torturador dos militares cumpria fielmente o seu papel. A Gazeta de Sergipe fez inúmeras denúncias.

Apesar das dificuldades a economia sergipana continuava crescendo. Com a consolidação da Empresa de Energia Elétrica de Sergipe - Energepe, todo o Estado foi dotado de energia elétrica, o que deu origem a centenas de pequenas indústrias no interior do Estado e na Capital, gerando empregos e divisas.

O setor rural se desenvolvia rapidamente e saía de uma cultura de subsistência para uma produção maior, destinada a suprir Aracaju, além do intercâmbio entre os diversos municípios sergipanos. A eletrificação rural, apesar de incipiente, não só criou condições para uma produção mais substancial, como também para a própria fixação do homem no campo.

A nível nacional, a construção da Transamazônica era vista como solução definitiva para os problemas brasileiros, na medida em que abriria novas frentes de desenvolvimento, a partir da ocupação de áreas que eram concedidas continuamente, com o objetivo de povoar a região e desenvolvê-la. Fazia parte de um projeto que incluía o desenvolvimento econômico e social, a partir da criação de novos pólos de atividades agrícolas, pastoris e de mineração.

Em Aracaju a Cohab iniciava as primeiras construções de casas populares em terrenos próprios, através de um sistema de Empréstimos e Poupança, com prazos para amortização que variavam de 15 a 20 anos. Nesse estágio começava a ser ativada no Estado a construção civil e, com ela, uma maior evolução da Indústria e do Comércio. Mais de 900 casas foram construídas com recursos financeiros do Banco Nacional da Habitação-BNH, através das três cooperativas habitacionais de operários já organizadas pela representação local do Instituto de Orientação às Cooperativas Habitacionais, vinculadas ao BNH. Na Avenida Contorno foi construído o primeiro conjunto habitacional de Sergipe, dentro das especificações do Inocoop.

Com a construção de adutoras, a questão da seca no Nordeste começava a ser vista com seriedade. De Amparo do São Francisco partiu a primeira adutora de Sergipe, levando água do rio para as cidades de Canhoba, N. S. de Lourdes, Graccho Cardoso, Cumbe, Feira Nova, N. S. da Glória e Monte Alegre. Do Rio Vasa Barris poderia sair uma segunda adutora para São Domingos, Campo do Brito e Macambira, caso não fossem encontradas outras alternativas.

Na década de 70 encontrava-se em desenvolvimento econômico e social, com a participação da população, o primeiro plano de desenvolvimento econômico e social de Sergipe, elaborado por agricultores sem buscar melhor vida.

Em 1972 a Escola de Agronomia tornou-se o primeiro curso de graduação em Sergipe, ocupava a antiga escola de ensino médio, que se tornou a Escola de Agronomia. Em outros momentos, como a construção da Escola de Engenharia de Sergipe, a participação da população em momentos decisivos para a formação pública continuava sendo uma preocupação de Orlando Dantas.

Em outubro de 1972, após a existência, a participação da população em momentos decisivos para a formação pública continuava sendo uma preocupação de Orlando Dantas.

Em outubro de 1972, após a existência, a participação da população em momentos decisivos para a formação pública continuava sendo uma preocupação de Orlando Dantas.

Seca: um flagelo em todo o Nordeste

35 anos

# UM VENCEDOR

No instante em que a GAZETA DE SERGIPE completa 35 anos de existência, a D&M IMÓVEIS parabeneza esse vencedor responsável por uma significativa parcela do desenvolvimento de Sergipe. Parabéns GAZETA DE SERGIPE! Parabéns VENCEDOR!

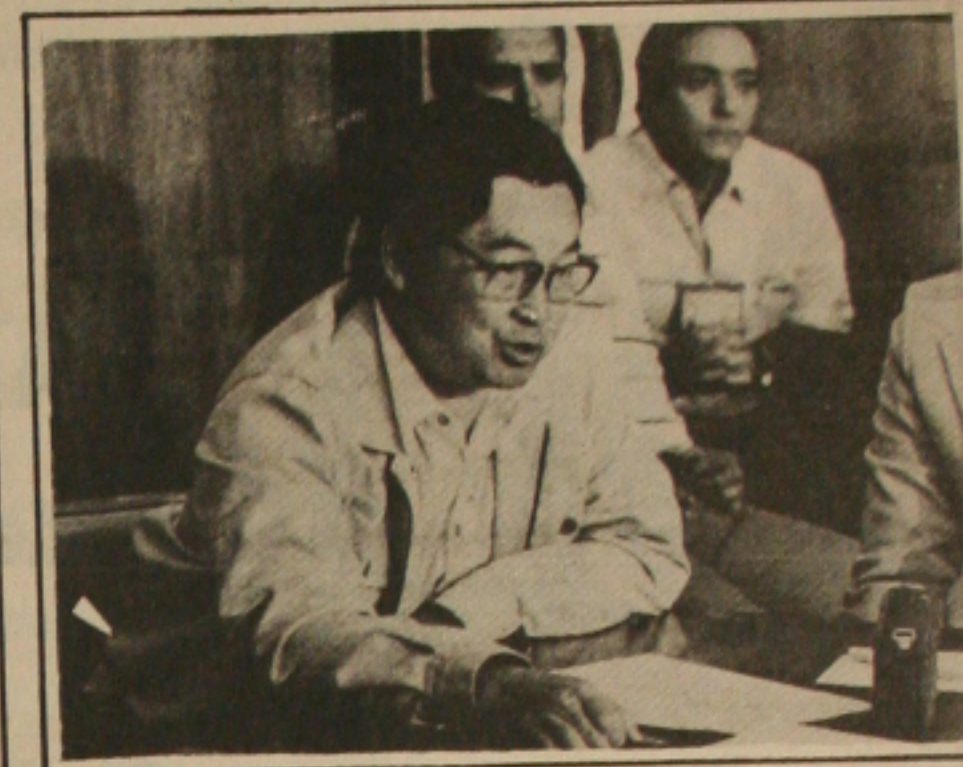


ta de Sergipe  
LENTAMENTO ESPECIAL

# Participação da Gazeta no episódio do Grupo Lume destaca o jornalista Orlando Dantas



Chico de Miguel, destaque na política sergipana



Ministro das Minas Ueki: incentivou o Estado



João Paulo II: um Papa na busca eterna da paz

pela firmação de contrato com a empresa. O saneamento dessas áreas era de muita importância. O canal da Avenida Brasil (bairro Amélia), envolvia o problema de inundação de várias ruas adjacentes. Os quatro projetos envolviam uma área de 20 quilômetros.

Assim, a população passava a ter condições essenciais de subsistência. O problema da inundação de ruas foi resolvido pelo prefeito João Alves, que empreendeu também uma série de obras em outros setores, dotando Aracaju de toda uma infra-estrutura que há muito tempo fazia-se necessária.

João Alves Filho, como prefeito de Aracaju, conseguiu realmente modificar a feição da cidade, com uma administração voltada exclusivamente para o bem-estar das populações periféricas, que eram as mais sacrificadas nos períodos de chuvas. Além disso transformou a própria capital num modelo. Aracaju passou a deter o título de cidade mais limpa do Brasil, graças à sua visão de técnico e de administrador.

João Alves assumiu a Prefeitura de Aracaju no seu momento mais crítico, mas conseguiu realizar a meta que havia estabelecido.

Em outubro de 76 foi pedida a prisão preventiva de Chico de Miguel, por causa da morte do cidadão conhecido por "Pernambuco". Segundo consta, o secretário de Segurança Pública, dr. Adroaldo Campos Filho, comunicou o fato à Polícia Federal, telegrafou ao Ministério da Justiça, conversou por telefone com o secretário de Segurança de Alagoas e passou telegrama para os secretários de Pernambuco, Bahia e Paraíba, solicitando reforços nas barreiras para a prisão de Chico de Miguel.

O cúmplice do ex-deputado Chico de Miguel, o funcionário da Prefeitura Municipal de Itabaiana, de nome Peixoto, foi visto em Aracaju rondando o escritório do advogado Gilton Garcia. Gilton foi quem defendeu, juntamente com Eurico Resende e o dr. José Augusto Lobão, no jún de 1972.

Em 04 de outubro de 1976 foi instalada a Codise. A Companhia de Desenvolvimento Industrial e de Recursos Minerais de Sergipe-Codise, tinha como objetivo inicial executar a política de desenvolvimento industrial e de aproveitamento dos recursos minerais de Sergipe. Entre suas

atribuições, aquisição, planejamento, organização e administração das áreas destinadas à implantação de Distritos Industriais, Distritos Comerciais e Distritos Agro-Industriais, além de prestação de serviços técnicos, de consultoria industrial não incluídos no programa de assistência gerencial à pequena e média empresa.

Na mesma época chegava a Aracaju o diretor do Banco Nacional de Habitação - BNH, Alberto Klumb, para fazer reconhecimento da área da Coroa do Meio, onde a municipalidade construía um bairro-modelo. A visita do diretor do BNH a Sergipe ocorreu por conta da aprovação pela entidade financeira do Governo Federal do convênio de adesão do Projeto Cura - Centros Urbanos de Recuperação Acelerada, ao plano urbanístico da Coroa do Meio que, como se sabe, foi transferida para a Empresa Municipal de Urbanização.

Em 19 de outubro de 76 o ministro Shigeaki Ueki, das Minas e Energia, desembarcava em Aracaju para uma curta permanência, e anunciou que o programa de contenção de despesas não afetaria a implantação da fábrica de amônia e uréia no Estado, muito menos o programa potássio. O ministro Ueki disse que Sergipe detinha reservas que não podiam ser ignoradas, e que eram de vital importância para o desenvolvimento local e nacional.

Para a economia sergipana, o ano de 1977 prometia muito. O presidente Ernesto Geisel estava de viagem marcada para Aracaju, com o objetivo de avaliar a produção de arroz sergipano. Ao mesmo tempo o ministro Rangel Reis, em visita a Aracaju, autorizava anunciar que a cidade teria uma nova área para o mercado das verduras, garantida através de recursos garantidos pelo Ministério do Interior. A informação do ministro foi feita durante uma visita aos escombros do antigo mercado, a convite do prefeito João Alves Filho.

Em outubro de 77 o jornalista Orlando Dantas, a convite da Assembleia Legislativa, fez uma palestra para os deputados analisando os diversos aspectos que envolviam a questão da implantação do Porto de Aracaju, pelo qual vinha lutando há muito tempo. Orlando Dantas fez um histórico do problema, mostrando que a luta pelo porto era antiga e que a falta de uma solução vinha emper-

rando o desenvolvimento de Sergipe, na medida em que o Estado não estava aproveitando os recursos minerais locais.

Orlando Dantas defendia a tese de que o porto deveria ser fluvial com aproveitamento de embarcações de médio porte. Para tanto, segundo Orlando Dantas, seria necessária drenagem da Barra que, segundo declarações do diretor da Petrobrás, consumiria recursos, na época da ordem de vinte milhões de cruzeiros, que podiam ser facilmente mobilizados pelo Governo do Estado.

O jornalista Orlando Dantas classificava de falsos, os argumentos que apontavam a inviabilidade de Sergipe vir a ter um porto, afirmando que interesses contrários se levantavam em alguns pontos como na Bahia onde os jornais Diário de Notícias e A Tarde, faziam campanha tentando convencer que Sergipe não poderia ter.

Dessa forma, segundo Orlando Dantas, Sergipe teria que exportar toda a sua matéria-prima para ser industrializada na Bahia e em outros Estados, enquanto os sergipanos continuavam convivendo com a pobreza, o desemprego e a frustração. Após a palestra, o jornalista Orlando Dantas manteve debates com os deputados Leopoldo Souza, Jackson Barreto, Djenal Tavares, Francisco Paixão, Heráclito Rollemberg.

Em 1978 o mundo inteiro foi abalado com a morte do Papa João Paulo I, ocorrida repentinamente. O curto período do pontificado do Papa, que fora eleito para suceder o Paulo VI, na liderança de mais de 600 milhões de católicos, foi suficiente para marcar sua personalidade como um homem profundamente simples e humano. Tendo começado sua liderança no mais alto posto do mundo cristão, numa lição de humildade aboliu as seculares honrarias tributadas a um Papa, por ocasião de sua posse.

No dia da inauguração do Hospital São Lucas, a população aracajuana compareceu em peso para cumprimentar o dr. José Augusto Barreto. Foi em 30 de setembro de 78. Foi uma solenidade simples mas concorrida. No "hall" do Hospital, o dr. José Augusto Barreto proferiu palavras de agradecimento aos presentes e falou da importância do Hospital para a população sergipana. O São Lucas detinha na épo-

ca os equipamentos mais modernos, para tratamento de doenças diversas.

Os 25 anos da Petrobrás foram comemorados também em outubro de 1978. Na época, situada entre as maiores empresas do mundo, a Petrobrás desfrutava de uma posição privilegiada. Desde a sua instalação, a Petrobrás proporcionou ao País uma economia de, aproximadamente, US\$ 8 bilhões de dólares. O capital social da empresa que há 25 anos era de Cr\$ 4 milhões de cruzeiros, elevara-se para Cr\$ 37 milhões de cruzeiros. Nesse mesmo período os investimentos da empresa em seus diversos setores de atuação evoluíram de Cr\$ 847 mil para Cr\$ 24 bilhões, segundo estimativas de aplicações para 1978.

No dia 16 de outubro de 1978 o mundo foi surpreendido com a escolha do Cardeal polonês Karol Wojtyla, para suceder o Papa João Paulo I. Wojtyla escolheu o nome João Paulo II justamente para homenagear seu antecessor. Os 111 cardeais que compõem o Sacro Colégio dos Cardeais demoraram a chegar a um acordo. A fumaça branca exalada pelas chaminés do Vaticano indicavam que o novo Papa ainda não havia sido escolhido. Finalmente, para surpresa de todos, surgiu na chaminés a fumaça negra, que simbolizava a realização da escolha. Definitivamente, seria o polonês Karol Wojtyla escolhido Papa. Já com o nome de João Paulo II, iniciou uma verdadeira maratona por todo o mundo, pregando a paz.

Os anos 80 senam marcados pela mudança de costumes, grandes conquistas, importantes fatos políticos e pela modernidade em todos os seus aspectos. A juventude, nascida sob o regime militar, pedia mudanças. Na política, sentia-se a necessidade urgente de se modificar os métodos impostos. Foi também um período pleno de convulsões sociais, já que, após mais de 20 anos no poder, os militares finalmente estavam dispostos a voltar para os quartéis e o País começava a pedir eleições diretas e a elaboração de uma nova Constituição.

O último presidente militar, General João Batista de Figueiredo, entregou o governo garantindo que o povo brasileiro sentira sua falta. Havia uma mentalidade segundo a qual a ordem pública e o crescimento

econômico do País só poderiam ser garantidos por um sistema autônomo de governo.

Eleito pelo Congresso, indiretamente, o primeiro presidente civil, Tancredo Neves, morreria dias depois, em circunstâncias ainda hoje discutidas. Em seu lugar tomou posse o vice José Sarney, que havia deixado o PDS na hora certa, ou seja, no momento em que não seria mais possível simpatizar com um partido que até então tinha funcionado como plano de sustentação do regime militar.

Para Sergipe, a década de 80 trouxe o desenvolvimento pleno, com a implantação do Distrito Industrial de Aracaju, a sedimentação dos diversos órgãos do Governo do Estado, criados com objetivos específicos, e um substancial aumento na produção de petróleo.

Todos os municípios sergipanos foram dotados de energia elétrica, o que contribuiu para que fossem viabilizadas pequenas indústrias no interior, que não só passaram a produzir mais, como também, a partir das condições favoráveis existentes, acabaram incorporando outras atividades econômicas.

Persistia, porém, o problema da seca, que sempre comprometera seriamente a produção agrícola. Sob a administração do governador João Alves Filho, o interior sergipano passou a viver uma nova realidade, a partir dos projetos de irrigação, da construção de açudes e poços artesianos. O homem do campo sentia definitivamente ligado ao seu local de origem.

O Projeto Chapéu de Couro, desenvolvido pelo governador João Alves Filho, foi de fundamental importância para o desenvolvimento do Nordeste, como centro produtor. Os locais mais atingidos pelas estiagens foram irrigados ou dotados de açudes e poços artesianos. Foi o bastante para que o Nordeste mostrasse sua verdadeira face, uma vez assistiu, desenvolveria uma atividade econômica intensa, gerando empregos, alimentos e divisas para o Estado. Culturas até então desconhecidas, como a uva, por exemplo, passaram a compor a paisagem sertaneja e o solo rachado pela seca deu lugar a imensas pastagens. A agricultura e a pecuária se desenvolveram rapidamente no interior de Sergipe.



Projeto Chapéu de Couro: levando água ao sertão

inviabilizada por mo-  
levava os  
para outros Es-  
e Bahia,  
nubro de 1974, em  
Assembéa  
Estado elegeu os en-  
Rollemberg Leite e  
respectivamente  
de governador e vi-  
deputados da Aliança  
Nacional -ARENA, vo-  
candidatos indica-  
enquanto os três  
da bancada opocio-  
do plenário na ho-  
período o jornal  
de Aracaju, do Rio de Ja-  
que o presidente da  
Ernesto Geisel, havia  
de uma das em-  
Lume para explorar  
de Sergipe. O  
ligado a empresas es-  
de Kalum, rece-  
de Sergipe através  
de Minas e Energia, Shi-  
o processo e  
conclusões estrecedo-  
o processo ao presidente  
Aracaju, a cassação  
de cada estranhamente  
e seus sócios es-  
As ações de Sergipe  
e se exploradas pela  
Lume, o jornalista  
teve papel decisivo.  
de haver qualquer  
do parte do Governo, Or-  
dena o Grupo  
os interesses de  
estrangeras, interessa-  
do das reservas ser-  
a cassação ao Grupo  
o presidente Geisel, Or-  
o objeto de uma  
alguma dupla do Jornal  
na mancha como  
de grande produção  
no Estado, várias  
os primei-  
para se instalarem no  
de Aracaju, por  
com o uso de gás. Essas  
de um desempe-  
necessariam de um  
de gás natural e  
aqui, e não  
por motivos bas-  
o gás natural ser-  
um aproveit-  
e a Bahia detinha a  
Lume.  
era preciso que  
Sergipe comunicasse  
o gás natural vinha  
para o processo de in-  
do Estado.  
do novo prefeito  
João Alves Filho, em  
mudou completa-  
o Estado. Com um  
dos problemas  
Alves traçou um  
pautado exclu-  
mais ur-  
Sergipano.  
de ren-  
porque não  
necessidades  
dispunha de um  
de equipamentos  
caras e de  
que não pode-  
paradas, quando  
necessárias na  
e nas regiões mais  
do municí-  
de drenagem da ci-  
um verdadeiro  
João Alves sabia  
ele, não podia  
de caos total  
da. Procurana,  
vigentes,  
de forma ra-  
acabou realmente fa-  
Catenhe-  
elaborou para  
de Aracaju, a pedido do  
Ferreira, os projetos  
de Amélia, Cida-  
e Comandante Mi-  
foi garantida







# Garantia de Quantidade.

Garantia de qualidade é, sem dúvida alguma, a marca registrada da COBRAS, porque isso não se adquire de uma hora para outra. Ao contrário, existe uma história e, para escrevê-la, é necessário ter tradição. Conta disso, há uma perfeita identificação com a história da GAZETA DE SERGIPE, que hoje está completando 35 anos de existência. Com história e com tradição. Parabéns GAZETA DE SERGIPE.



## A MELHOR SAÍDA É ESCOLHER ESTE PORTÃO DE ENTRADA



Uma escolha que não poderia ser outra senão a GAZETA DE SERGIPE. Pela sua tradição de luta, pela coerência do seu fundador, jornalista Orlando Dantas, considerado um exemplo para todas as gerações e referencial para qualquer registro da história sergipana. Algo desse tipo merece, sem dúvidas, os aplausos e os parabéns de todos que fazem a CASA DA LAVOURA. Afinal de contas, 35 anos é mais que uma marca no tempo, é a definição da própria história.





# VOCÊ NÃO PODE MANTER O SEU NOME NO ESCURO.



Você não pode manter seu nome no escuro. Para que isso aconteça, ou melhor, para que isso não aconteça, faça como a GAZETA DE SERGIPE que há 35 anos vem jogando às claras com os seus leitores. Com seriedade, com independência e, sobretudo, com competência. No instante em que a GAZETA completa seus 35 anos nada mais justo do que desejar que ela continue com a mesma seriedade, independência e competência que sempre a marcou. Parabéns GAZETA DE SERGIPE.

**CONDIC**  
E N G E N H A R I A



# A OPINIÃO SEMPRE PRETO NO BRANCO.

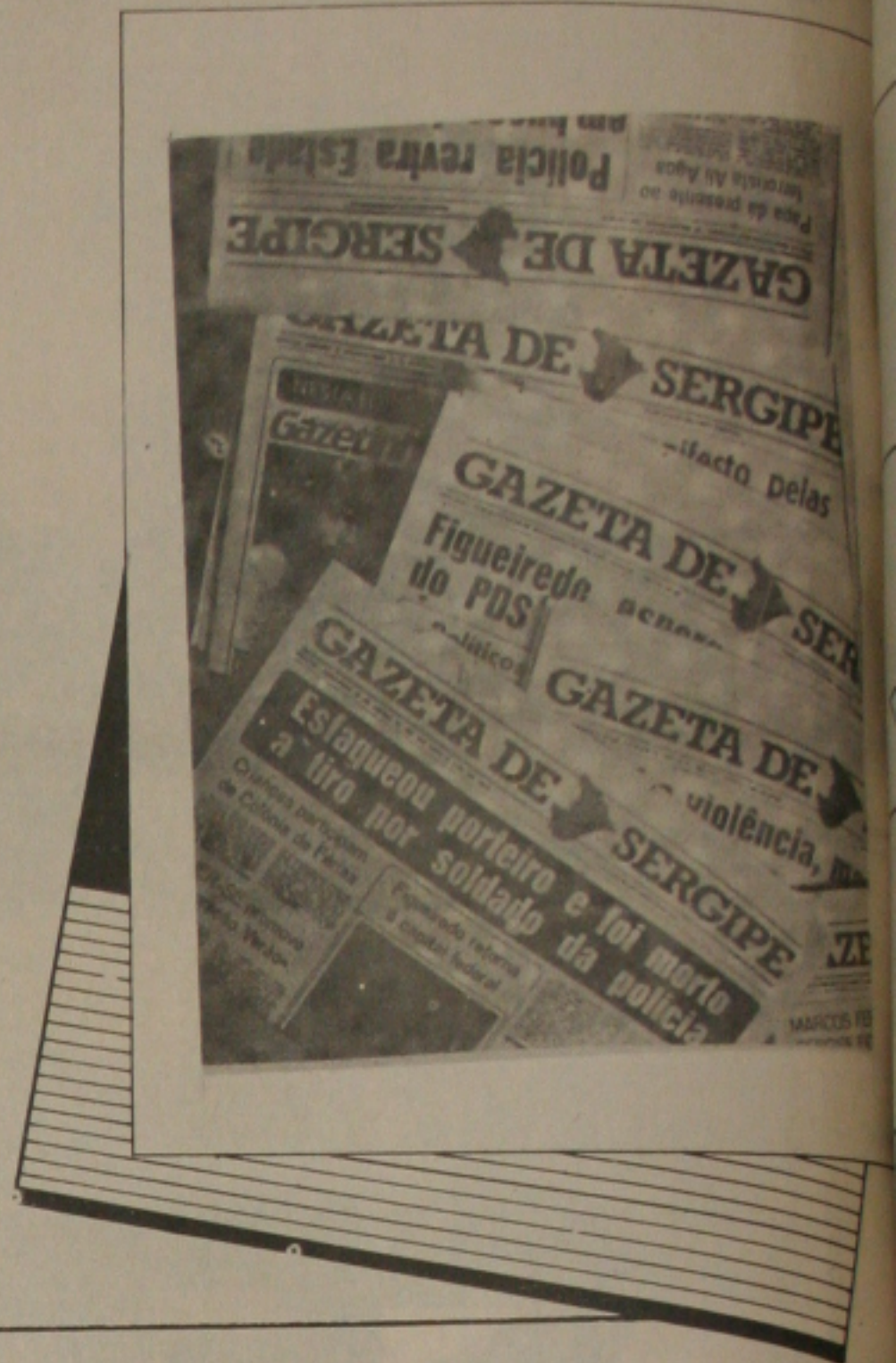
Firmeza, decisão, coragem e, sobretudo, consciência perfeita da importância do desenvolvimento de Sergipe. Esses são alguns dos princípios que sempre marcaram a presença da GAZETA DE SERGIPE no cenário jornalístico do Estado. Uma identificação perfeita com os objetivos da CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA. Parabéns GAZETA DE SERGIPE pelos seus 35 anos.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DA INDÚSTRIA  
ALBANO FRANCO - PRESIDENTE





# A FORÇA DE UM JORNAL

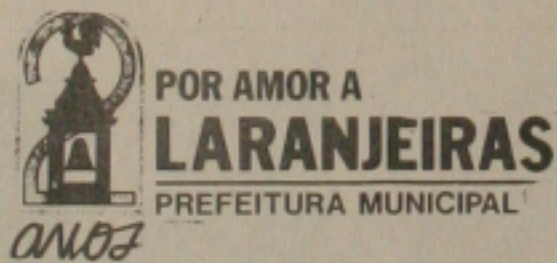


## PARABÊNS AO PIONEIRO

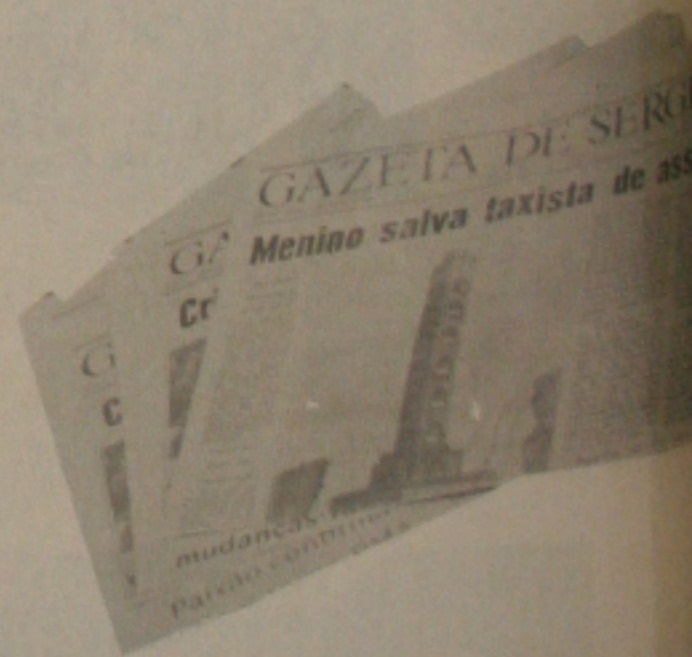


## EMPRESAS SAMAM

Laranjeiras parabeniza esse monumento vivo da imprensa sergipar



### A IDADE E A PERFEIÇÃO





# SERGÍPE É A MAIOR ESTRELA DO MOMENTO.



A GAZETA DE SERGÍPE SEMPRE FOI.  
 HÁ 35 ANOS.  
 PARABÉNS GAZETA DE SERGÍPE!

Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo

Codise - Companhia de Desenvolvimento Industrial de Sergipe

ENSETUR - Empresa Sergipana de Turismo

CEAG - Centro de Apoio à Pequena e Média Empresa do Estado de Sergipe

Junta Comercial do Estado de Sergipe



Continuação da página 17

Na capital, as marcas do desenvolvimento também ficavam visíveis. O governador João Alves Filho recuperou o sistema hospitalar, atacou de frente o problema habitacional construindo vários conjuntos para a população de baixa renda, além de dotar toda a capital da infraestrutura necessária a uma cidade moderna.

Posteriormente, como ministro do Interior, João Alves Filho dedicou atenção especial ao Nordeste, criando todas as condições para que o seu trabalho, quando governador do Estado, tivesse continuidade e, o Nordeste em geral, fosse beneficiado com medidas essenciais. A Gazeta de Sergipe documentou todo o trabalho realizado por João Alves Filho, não só como governador do Estado, como também, e principalmente, como ministro do Interior. O Nordeste foi realmente muito bem representado.

O sucessor do ex-ministro João Alves Filho, governador eleito Antônio Carlos Valadares, também dedicou tempo integral aos problemas sergipanos. Apesar das dificuldades e da falta de recursos, realizou grandes obras na capital e no interior, a partir de projetos inteligentes e bem concebidos.

Um exemplo típico de administração coerente foi o Projeto Campo Verde, desenvolvido pelo Governo do Estado. Dentro deste projeto a Empresa Distribuidora de Energia Elétrica de Sergipe - Energepe, desenvolveu o Projeto Luz no Campo, com o objetivo de dotar o setor rural de energia elétrica. O Projeto foi um sucesso, e hoje centenas de pequenas propriedades rurais encontram-se dotadas de energia elétrica. Isso gerou mais conforto para o homem do campo e uma produção mais incrementada.

Outros projetos importantes foram desenvolvidos também pelo governador Antônio Carlos Valadares. Além da assistência contínua ao homem do campo, o governador realizou obras de vários tipos, recuperou completamente o sistema de distribuição de energia elétrica na capital, construiu áreas de lazer, deu total apoio ao esporte, viu com carinho a questão do déficit habitacional em Sergipe construiu inúmeras escolas, creches, parques infantis e modificou completamente a feição das localidades à beira-mar, com a construção de ciclovias e do parque que leva o seu nome.

Foi por conta dos seus atributos e das condições de permanência criadas pelo governador Valadares que o Turismo cresceu no Estado, a tal ponto que hoje é muito comum se encontrar pessoas de outros Estados brasileiros, que acabaram fixando residência em Aracaju. Quem vem das grandes cidades encontra em Sergipe o conforto da cidade grande e o sossego de uma cidade ainda em crescimento.

Na administração do governador Valadares o sistema de transporte coletivo de Aracaju não só melhorou substancialmente, como também passou a ser um dos mais modernos do País. Deve-se salientar também o importante papel do prefeito Wellington Paixão, na implantação desse sistema de transporte modelo.

Ao longo de 35 anos a Gazeta de Sergipe documentou a própria história sergipana. Criticando quando era preciso, e elogiando quando era correto elogiar, a Gazeta de Sergipe cumpriu nesses anos fielmente o seu papel, à sombra dos ideais do jornalista Orlando Dantas, seu diretor, responsável também pela viabilização de uma série de medidas que já eram discutidas nos seus primeiros editoriais.

A história de Sergipe é também a história do pensador Orlando Dantas. Foi ele o primeiro a defender os interesses do Estado, com uma convicção que impregnava a quem lia seus artigos. Não seria demais dizer que, há 35 anos, o jornalista e pensador Orlando Dantas já tinha um discurso combativo, atual. Seu socialismo nunca foi subjetivo, utópico. Orlando Dantas se manifestava a partir de princípios que poderiam ter um respaldo jurídico e se converteram em benefícios para a população.

É impossível fazer uma retrospectiva da Gazeta de Sergipe sem omitir informações, porque o pensamento do seu fundador, Orlando Dantas, sempre foi muito profundo, e seria objeto mais adequado de sua obra maior. O jornalista Orlando Dantas ficará para sempre na história de Sergipe, como um dos pensadores mais brilhantes e como um dos jornalistas mais polêmicos e interessados nos problemas sergipanos e nacional. A Gazeta de Sergipe está completando 35 anos. Logo, comemoramos também 35 anos de luta de um homem que dedicou sua vida ao seu Estado e ao seu País, integrando honrosamente ao bloco dos que sempre estiveram na linha de frente. Seu nome, Orlando Dantas.



O ministro João Alves e o senador Albano Franco: tudo por um Sergipe melhor.



Valadares: final de Governo com a tranquilidade de ter cumprido sua missão.



Em 15 de março de 91, Valadares entrega o cargo ao governador eleito João Alves Filho.

COMO LEMBRAR 35 ANOS DA GAZETA?

Como falar de trinta e cinco anos de SERGIPE, sem lembrar os nomes de Orlando Dantas, José Rosa de Oliveira Neto, Paulo Garcez Dória e Clovis Rollemberg, todos ligados de Orlando Dantas, formando e informando a opinião pública.

E, sob o comando de Pascoal Monteiro surgindo o autor destas linhas, Ivan Monteiro, José Carlos Monteiro, Anselmo Góes e outros que aqui começaram, aplicaram os conhecimentos em outros órgãos em Aracaju para formar e informar o público através dos órgãos por esse Brasil afora.

Mas, falar na GS de 35 anos, não dá para deixar de registrar as tradicionais reuniões, encabeçadas por "seu" Edgardo Amaral, Carlos Rato e a saudades eterna de um excelente companheiro "Jacaré".

Vale ainda ressaltar a passagem pelo estágio jornalístico que preferiu seguir a direção da Usina, deixando para Paulinho a direção jornalística, tudo sob o comando e a orientação do saudoso Orlando Dantas.

Como pode o autor esquecer o nome de José Brasil, atendente a solicitações em Valença, compareceu ao "Diário de Aracaju" para a "linha" do jornal para a GS, ou ainda a denúncia dos crimes políticos, que foram poucos e todos denunciados para a SERGIPE. E os "bate-papos" na porta da redação todos os dias ia até às 22 horas, para pensar na redação da primeira página.

O incêndio da Rua da Frente, onde o Paes Mendonça e Pedro Paes Mendonça mais atingidas, sofreu a cobertura intensa, redatores e editores da GS, que trabalharam durante quatro dias, sem esquecer a fotografia da Av. Rio Branco - na época a ralelepipedos - que face a uma exploração do mercado ficou transformada em "sapatos, chinelos e tamancos".

Quero dizer, que falar de 35 anos de hoje de Sergipe, e, quando eu começo a falar de SOCIALISTA, não pode deixar de ser um mérito e um reconhecimento ao trabalho de Pinto, que, inicialmente funcionava no jornal, onde hoje é a Churrascaria São João, passou a ser vizinho da Gazeta de Sergipe, com que, os jornalistas "gazetianos" e a tradicional feijoada do sábado, logo na sexta-feira.

No ramo dos esportes devemos lembrar de Tito, Manoel Corbal, Lises Campos, Anton Porto e Givaldo Batista que até hoje a equipe esportiva que continua combatendo a Batalha, o número um no esporte amador.

Enfim, trinta e cinco anos da GAZETA DE SERGIPE, com todos os seus acertos e erros, ser contado e cantada em apenas duas páginas, com medo do esquecimento e das possibilidades, possamos praticar, fez com que eu optasse a nomes que muito me ensinaram fatos que se tornaram grandes quando as páginas da GAZETA DE SERGIPE.

QUANTO MAIS VELHO, MELHOR



É como o vinho.

É assim a Gazeta de Sergipe, um jornal sério.

Um órgão de informação que, ao longo dos anos, cumpre o seu papel deixado pelo seu fundador, o paladino do jornalismo, o jornalista ORLANDO DANTAS.

Combativo como ele, a Gazeta completa 35 anos bem vividos, formando e formando a opinião pública.

São mais de 3 décadas contribuindo para o desenvolvimento econômico e cultural do nosso Estado.

Nesta data, a Cooperativa Sergipense de Laticínios, também neste tempo de festa, não poderia deixar de manifestar o seu teste de agora, quando a Gazeta de Sergipe comemora mais um ano de democratização da informação.

Um jornal que é como vinho; quanto mais velho, melhor, um brinde.

Vamos brindar, mas com leite CSL.



COOPERATIVA SERGIPENSE DE LATICÍNIOS